

O PRESIDENTE  
DE  
AMERÍNDIA

Q PRESIDENTE DE AMERÍNDIA

O PRESIDENTE DE AMERÍNDIA

Argumento Original e

Roteiro Técnico de

HUGO VILELA

Rua Tomaz Gonzaga, 171

Belo Horizonte, MG

1975

"Há motivos para pensar que, se houvesse uma cidade composta inteiramente de homens bons, haveria provavelmente luta para não governar, como agora há para governar, e então se tornaria claro que o verdadeiro governante não está destinado pela natureza a considerar o seu próprio bem, mas o dos governados; de modo que todo homem inteligente preferiria receber benefícios a dar-se o encargo de fazê-los aos demais".

Platão

## SEQUÊNCIA I

### EXTERIORES DIVERSOS - INCÁLIA - AMANHECER

1. Amanhece em Incália, a moderna capital de Ameríndia, populosa Nação latino-americana do Terceiro Mundo.

O sol penetra nos amplos espaços simétricos da cidade, que desperta entre cores indefinidas.

Câmera, em movimentos ágeis e dinâmicos, percorre a capital que emerge à luz do novo dia.

Carros velozes rompem as distâncias, enquanto os primeiros transeuntes circulam pelas calçadas.

SOM - Sobem, na trilha sonora, ruídos típicos da cidade. Depois, levando-os para segundo-plano, sobe música incidental, crescendo com sugestivos efeitos dramáticos.

2. Sobre as imagens de Incália e de sua surpreendente arquitetura, aparecem os

### LETREIROS DE APRESENTAÇÃO.

SOM - Música sobe, expressiva, e alcança nível normal.

Os últimos cartões dos Créditos fundem-se com imagens de transeuntes nas ruas de maior movimento.

Câmera capta flagrantes expressivos de moradores da nova capital. Distraídos em sua ocupação, ou caminhando para seu destino, revelam democrática mistura de raças, numa etnia variada e popular.

Sobre essas imagens espontâneas e realistas, começa a ouvir-se a voz off do Narrador, levando música e ruídos para segundo-plano:

NARRADOR - Estes são moradores de Incália, circulando num dia normal de trabalho. Sem considerar caracteres de raça e língua, são idênticos aos habitantes de qualquer outra nação subdesenvolvida da América Latina: nem mais pobres, nem mais tristes, nem mais alegres. Iguais no destino, nas esperanças e na desventura.

3. A objetiva agora mostra aspectos da arquitetura avançada de Incália.

Em primeiro lugar desfilam os quarteirões mais ricos, com jardins, "play-grounds" e enormes blocos residenciais, enquanto o Narrador prossegue:

NARRADOR - A construção de Incália foi imperativo da interiorização do país. Os moradores de nível social e econômico mais elevado, altos magistrados e funcionários, parlamentares, diplomatas e a classe média mais favorecida, vieram residir no Setor Ocidental.

4. Surgem agora os blocos populares de Incália, sem os cuidados estéticos dos quarteirões anteriores. O Narrador continua:

NARRADOR - Os outros habitantes, menos afortunados, residem com modéstia em bairros standardizados. Oriundos de diversas regiões do país, adotaram, em Incália, uma existência totalmente diversa, sofrendo de uma mudança radical de costumes e comportamento.

EXTERIORES - CIDADE-AUXILIAR - MANHÃ

5. Câmera revela agora os conjuntos residenciais das cidades-auxiliares de Incália, enfatizando sua curiosa padronização e mostrando também seus moradores, onde predominam operários e serventes, trabalhadores da construção civil, a caminho dos locais de trabalho.

O Narrador explica:

NARRADOR - Os moradores destas casas, construídas nas imediações da capital, amanhecem quase sempre mal-humorados e, sem muita euforia, vão diariamente para seus locais de trabalho.

6. Câmera persegue, na rua do conjunto residencial operário de Radiosa, uma das cidades-auxiliares de Incália, um trabalhador anônimo que deixa sua casinhola e vai tomar, mais adiante, uma condução superlotada.

Enquanto seus passos são seguidos pela câmera, o Narrador prossegue, explicando:

NARRADOR - Este homem chama-se Manoel Silvino, apelidado de Matucho. Chegou a Incália há pouco mais de três anos, atraído pelo novo mercado de trabalho que a construção da nova capital oferecia. Matucho, como milhares de outros, oriundos das regiões mais pobres, entrou em contato com novas formas de vida urbana, novas técnicas e costumes que violentaram em seu espírito uma precária formação profissional e cultural, conferindo-lhe uma dimensão humana inesperada para si mesmo. Os aspectos urbanos revolucionários de Incália provocaram a ruptura do equilíbrio psicológico de nosso herói, agora a caminho do trabalho.

EXTERIORES - INCÁLIA - MANHÃ

7. Diante de um bloco residencial do Setor Ocidental de Incália, a objetiva focaliza o Deputado Federal Alípio Antunes, que deixa o prédio e se encaminha para o automóvel, estacionado pouco adiante.

O Narrador o identifica, esclarecendo:

NARRADOR - Também o Deputado Federal Alípio Antu-

nes inicia nova jornada de trabalho. Homem de 48 anos de idade, professa ideologia que se costuma chamar de "avançada". É homem afável, bom orador, espirituoso, bom contador de anedotas, ocupação predileta dos incalenses. Integra o grupo dos "socialistas cristãos", que defendem reformas estruturais para o país. Suas convicções nasceram mais das circunstâncias do que da dialética. É feroz antagonista do atual Presidente de Ameríndia, Jonas Prado, cuja candidatura combateu com tenacidade.

8. O veículo do deputado devora as distâncias de Incália, vista, de passagem, em seus aspectos mais expressivos, embora efêmeros.

Quando o carro do deputado cruzar com um "Volkswagen" grená, câmara, de um salto, passa a seguir o pequeno automóvel, conduzido por uma moça de 35 anos, presumíveis. No banco ao lado, mais idosa e feia, uma colega de repartição, Rosália, admira a paisagem.

O "Volks" rola pelo Boulevard dos Ministérios, enquanto o Narrador explica:

NARRADOR - Esta é uma funcionária da administração federal de Ameríndia. Transferida da velha capital e lotada no Ministério das Finanças, Arlete Murtinho foi secretária de ministros e altos mandatários. Na fase atual desceu um pouco os escalões do prestígio anatômico-administrativo. Habituada aos riscos da cidade nova, Arlete traz consigo vícios tradicionais da administração pública: o favoritismo, o tráfico de influência, a transitoriedade do poder. Embora um pouco fanada pelos anos e, sobretudo, pela vida dissipada, a bela funcionária ainda desperta uma cobiça que, via-de-regra, é constante obsessão da fauna masculina de Incália. Reside num pequeno apartamento, em companhia de Rosália, cole

ga de repartição e eficiente intermediária e confidante sentimental.

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARNALDO - MANHÃ

9. Câmera agora penetra no interior de um apartamento do Setor Oriental de Incália, próximo da Universidade Nacional. Sem o luxo e o bom acabamento das residências do Setor Ocidental, o apartamento revela, de início, o traço descuidado de seu ocupante, o estudante universitário Arnaldo Frias.

Câmera vasculha a sala, onde a confusão é geral: livros, papéis, revistas, quadros, gravuras, panfletos, copos e garrafas vazias.

Na cozinha a paisagem não é menos tumultuada, assim como o banheiro, também percorrido indiscretamente pela objetiva.

Câmera, em seguida, abre lentamente a porta do quarto-de-dormir, envolto na obscuridade. Num grande leito, ao centro, há um casal deitado. Arnaldo acaricia uma bela jovem que se espreguiça a seu lado, enquanto sussurra palavras de amor, e de sono.

A voz do Narrador, discretamente, torna-se mais baixa e confidante, explicando:

NARRADOR - Para Arnaldo e Helena o dia começa um pouco mais tarde. Estudam Arquitetura na Universidade Nacional e hesitam, diariamente, entre os livros e o amor. Esta hesitação dura, em média, três quartos de hora, findos os quais os dois, em intervalos regulares, deixam o apartamento e vão à Faculdade.

EXTERIORES - INCÁLIA - MANHÃ

10. Numa esquina, a poucos metros do edifício onde reside Arnaldo, um carro esporte, estacionado estrategicamente, espera a amante do estudante.

Helena, de fato, logo depois, deixa o prédio e se encaminha para o carro. Depois entra. O veículo arranca, veloz, enquanto o Narrador comenta:

NARRADOR: Arnaldo e Helena, como se viu, são colegas muito íntimos. Ele é o atual presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura. Inflamado orador de comícios, recebe boa mesada do pai, homem rico, que acredita ser "fogo de palha" o ruidoso pendor esquerdezante do filho. Helena, ao que tudo indica, nada mais faz, além dos estudos, do que dedicar ao amante uma persistente paixão.

Neste ponto o carro de Arnaldo passa diante do Palácio Residencial do Presidente de Ameríndia.

Câmera abandona o veículo que conduz os estudantes e se aproxima do imponente e arrojado edifício presidencial.

INTERIOR - PALÁCIO RESIDENCIAL - MANHÃ

11. Enquadra-se agora o salão térreo do Palácio Residencial de Incália. Por uma escadaria de mármore desce do pavimento superior o primeiro mandatário da Nação.

Metido num esquisito macacão branco, o Doutor Jonas Prado, sem chapéu, os bastos bigodes e a farta cabeleira levemente grisalha, cumprimenta serviçais e colaboradores, apanha uma pasta negra e se encaminha para fora.

EXTERIOR - PALÁCIO RESIDENCIAL - MANHÃ

12. Deixando em primeiro-plano uma esquisita estátua moderna de metal, a câmera focaliza a porta de entrada do Palácio. Surge, apressado, o Presidente de Ameríndia, seguido por agentes da segurança, secretários e serventes.

Depois desce a rampa e entra no carro presidencial, que arranca, soando forte sirene, na direção do Palácio dos Despachos.

INTERIOR E EXTERIOR - CARRO PRESIDENCIAL - MANHÃ

13. Sobre as imagens do Presidente Jonas Prado, captadas no interior do carro oficial, e as vistas do exterior, o Narrador, como anteriormente, comenta:

NARRADOR - Milhões de votos levaram à Presidência de Ameríndia um ex-funcionário e professor, famoso por sua fúria moralizante e uma iracunda pregação reformista. Em poucos meses de governo, em vez das grandes reformas prometidas, o doutor Jonas Prado incendiou a nação com insólitas medidas. Sempre metido num esquisito uniforme de "Grande Proletário da Nação", como gosta de se auto-definir, a grande figura dirige-se, como de hábito, para o Palácio dos Despachos, onde já o aguarda, inquieto, o solícito secretário-particular, doutor José Margarino.

INTERIOR - PALÁCIO DOS DESPACHOS - MANHÃ

14. Câmera, colocada agora no interior do gabinete presidencial do Palácio dos Despachos, focaliza a porta de entrada, pela qual entra o Secretário-Particular do Presidente.

José Margarino, que também ostenta farta bigodeira, aproxima-se da mesa presidencial, trazendo volumoso expediente.

Vendo aproximar-se o secretário, o presidente levanta os olhos do processo que lia, e aguarda.

José Margarino chega diante do Chefe da Nação, estende-lhe diversos documentos e diz:

JOSE MARGARINO - Está pronto, presidente.

15. Câmera avança lentamente sobre o rosto do Presidente da República, que apanha os atos e, com grande interesse, começa a examiná-los

É homem de 50 anos, o nariz adunco, queixo agressivo, testa larga, moreno e anguloso. O macacão que ostenta confere-lhe aparência esportiva. As lentes grossas dos óculos disfarçam um estrabismo que é defeito de nascença.

O Chefe do Governo, como de hábito, exprime mau-humor. Continua, em silêncio, a examinar os papéis. Depois, com decisão, assina-os, em caprichada caligrafia, enquanto, discreto, o Narrador comenta:

NARRADOR - O Presidente de Ameríndia começa o dia assinando novos atos de repressão e demissão, como vem fazendo, com regularidade, pela manhã, à tarde e, muitas vezes, também à noite. Depois disto, exausto de tantas emoções e estafantes conferências e reuniões, o Presidente vai relaxar os nervos no cineminha do Palácio Residencial, onde se diverte, comodamente, com um portentoso "bang-bang".

---

SEQUÊNCIA II

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARLETE - NOITE

16. Ilustrando as palavras do Narrador, surgem na tela as imagens de um tremendo "bang-bang", projetado no vídeo de um aparelho de televisão instalado no apartamento de Arlete Murtinho, no Setor Ocidental de Incália.

Correrias a cavalo, tiroteios e gritos mostram o faroeste tradicional que preenche as horas ociosas da televisão.

Depois a câmera recua, em "travelling", e vai revelar a sala-de-estar da residência da funcionária. Arlete, de posse do jornal do dia, divide a leitura com rápidas olhadas no vídeo.

Pouco depois soa a campainha do telefone. Rosália adverte, depois de atender:

ROSÁLIA - Arlete, é pra você!

Arlete levanta-se, abaixa o som da televisão e vai atender:

ARLETE - Alô! Sim, sou eu... Como vai, Gustavo?

A objetiva prescruta o rosto da moça, captando preocupação e uma ligeira irritação diante do que ouve. Depois Arlete comenta, simplesmente:

ARLETE: Já me tinham falado nisto... Não, meu bem, hoje não. Tenho um compromisso. Depois combinamos, está bem? Até amanhã, Gustavo.

Rosália aproxima-se da amiga e pergunta, suspicaz:

ROSÁLIA - O que é?... Alguma notícia ruim?...

ARLETE - O Gustavo disse que é iminente a demissão dos funcionários...

ROSÁLIA - Puxa! O Jonas não perdoa! Vai meter a mão em cumbuca!...

Arlete caminha até uma mesinha, de onde apanha um caderninho de endereços, que vasculha. Depois volta ao telefone e disca, enquanto comenta para a amiga, sarcástica:

ARLETE - Ele anda metendo a mão em muito lugar! Qualquer dia tapa o nariz, o palhaço!

INTERIOR - CASA DE MATUCHO - NOITE

17. No interior da casinhola de Matucho, em Radiosa, o operário toma uma cerveja, sentado à mesa da saleta de jantar. Engole a bebida e, voltando-se na direção do quarto, ao lado, comenta para a mulher, que dá um xarope ao filho:

MATUCHO - Falaram hoje, na construção, que o Jonas vai parar as obras, vai fazer sindicância...

Josefina, ouvindo a notícia, vem à sala, preocupada, e comenta:

JOSEFINA - Ih, meu Deus! Se o homem faz isso, o que vai ser da gente, Matucho?... Inda mais com o menino deente?...

MATUCHO - Já pensou, mulher?! Ficar sem emprego,

ter de voltar?! Que diabo! Aquele homem só pensa em jogar trabalhador na miséria?!

INTERIOR - CENTRO ACADÊMICO - NOITE

18. O auditório do Centro Acadêmico da Universidade Nacional está repleto de estudantes, convocados para a assembléia-geral. O orador, Arnaldo Frias, no centro da mesa dirigente, está com a palavra e vocifera, em meio a gritos e aplausos:

ARNALDO - Ataca todo mundo, proíbe, demite, paraliza obras, abre inquérito e sindicância! Tudo o que faz não tem grandeza, é fruto de paranóia, de esquizofrenia e do complexo! Não demora e também vai fechar a Universidade! Por que não pune os exploradores do povo, não expulsa os imperialistas, não expropria os latifundiários?!

A estudantada prorrompe em gritos e aplausos, enquanto o líder, insuflado, prossegue, dominando a balbúrdia:

ARNALDO - Em nome de uma suspeita "moralidade pública", Jonas lança ao infortúnio milhares de trabalhadores e funcionários! Diz que age para limpar a nação, varrer os corruptos, sanear as finanças! Mas, colegas, que moralidade é essa que deixa impune os trustes que se apoderam da nação e corrompem os testas-de-ferro?! Pode alguém ser moral, com uma face, e amoral com a outra?!

De novo a rapaziada explode em palmas, gritos e assovios, interrompendo o orador.

INTERIOR - PLENÁRIO DA CÂMARA - NOITE

19. Em corte direto, câmara se transporta para o plenário da Câ-

mara dos Deputados. O recinto, em sessão noturna extraordinária, está repleto de parlamentares, funcionários e, nas galerias, de estudantes e povo.

Ocupa a tribuna o deputado Alípio Antunes, que espera serenar o tumulto e parar a campanha que o presidente da mesa aciona com insistência.

Depois tudo volta à normalidade, fazendo-se silêncio.

Alípio recomeça o discurso explosivo, falando, a princípio, com calma, mas, pouco a pouco, alcançando a tônica inflamada que é sua característica:

ALÍPIO - Supunha-se que o país houvesse alcançado um estágio de civilização política condizente com os tempos atuais. O que se verifica, no entanto, é uma absurda e intolerável contradição entre o nível cultural já conquistado pela Nação e, por outro lado, o espírito retrógrado que dirige o exercício político do Governo!

Ecoam no plenário alguns aplausos e vozes de "muito bem!"

O deputado aproveita para engolir um pouco de água, enxugar o rosto e dar uma olhadela nos lembretes do discurso.

Depois recomeça, com mais ênfase:

ALÍPIO - Os últimos atos do Governo são melancólicos por sua falta de grandeza e de sentido humano! Usando, como pretexto, a necessidade de "moralizar o país", o Governo comete atos de perseguição mesquinha! É o mandonismo menor, a idiosincrasia subalterna, o revide insignificante!

10  
20. Para evitar a monotonia da imagem fixa, câmara, em "inserts" ágeis e movimentados, percorre o plenário, captando a reação de parlamentares e povo, enquanto, na tribuna, Alípio Antunes prossegue, inflamado:

ALÍPIO (voz off) - Na tentativa de cumprir promessas demagógicas, sacrifica vastas parcelas da população, lança o pânico nas classes empresariais, provoca a contenção de salários, agride a harmonia das classes, exercita a prepotência e exorbita o privilégio do poder!

21. P.P. do parlamentar que, de seu posto, cada vez mais exaltado, prossegue:

ALÍPIO - Neste panorama de caos e perplexidade, emerge a personalidade psicopática do senhor Jonas Prado, cujas fobias e complexos têm causas psíquicas da maior gravidade!

22. P.G. do plenário, que se agita com as últimas palavras do orador. Muitos riem, divertidos, outros protestam, enquanto o presidente da mesa aciona, outra vez, a campainha estridente.

Um deputado governista berra, do fundo do plenário, indignado:

DEPUTADO GOVERNISTA - Protesto, senhor presidente! Isto é um abuso intolerável! Não se pode admitir esta falta de respeito ao senhor Presidente da República, eleito por mais de cinco milhões de votos!

23. Câmara, no carrinho, aproxima-se de Alípio Antunes, até fixá-lo em P.P.

O deputado, pronta e energicamente, retruca:

ALÍPIO - Não concedi e nem concedo apartes a parlamentares que concordam irrestritamente com os detentores do poder! Nunca gostei de "vacas de presépio"! É fato, senhor presidente, senhores deputados, que não dedico respeito a quem revela falta de equilíbrio, serenidade e prudência! A quem age impulsiva-

mente e, como disse o jornalista, "acaba vendo um ladrão em cada negociante, um vagabundo em cada funcionário, um revolucionário em cada militar"!

INTERIOR - PALÁCIO RESIDENCIAL - NOITE

24. O presidente Jonas Prado despacha o expediente em sua mesa de trabalho no Palácio Residencial. O Secretário-Particular, José Margarino, ao lado, estende-lhe o papelório.

Ao assinar um documento, o presidente anuncia, grave:

JONAS PRADO - É a hora da onça beber água, Margarino! Quero ver agora a corja chiar!

Após ler, rapidamente, os nomes dos degolados, Jonas Prado apanha a caneta de ouro e aplica com bravura sua assinatura no papel, sacramentando o decreto.

Depois, como em triunfo, ordena ao Secretário:

JONAS PRADO - Mande hoje mesmo para a Imprensa Oficial! E a demissão dos interinos?

Margarino apanha da pasta outro documento e o estende ao presidente, dizendo:

JOSÉ MARGARINO - Está aqui, Presidente.

Câmera avança sobre o papel, no qual Jonas imprime sua terrível assinatura.

---

SEQUÊNCIA III

INTERIOR - GABINETE DO MINISTRO - MANHÃ

25. Na Secretaria do gabinete do Ministro das Finanças câmara fo-

caliza uma multidão de funcionários que se aglomeram em torno do vice-chefe do Gabinete, um velho paciente e bondoso, que detém um exemplar do "Diário Oficial". Ele fala, em tom de voz forte, dominando o alvoroço geral:

VICE-CHEFE - Calma, calma minha gente! Vou ler o decreto! Façam silêncio!

Enquanto diz isto, câmara, aproximando-se do grupo, destaca, junto ao alto funcionário, Arlete Murtinho, que escuta com profunda atenção. "Seu" Monteiro, o vice-chefe, começa a ler, pausadamente:

VICE-CHEFE (lendo): "O Presidente da República, usando as prerrogativas que lhe confere a Constituição Federal, decreta: Artigo 1º - Ficam demitidos do serviço público federal os funcionários interinos que não tenham completado cinco anos de efetivo exercício no cargo. Artigo 2º..."

O tumulto recomeça, mais forte e nervoso, abafando completamente a voz do vice-chefe do Gabinete que, inutilmente, tenta completar a leitura. Por fim, desanimado, exclama, enquanto fecha o "Diário Oficial":

VICE-CHEFE - Não adianta mesmo! O que interessa já foi lido... Com licença!

Arlete Murtinho, lívida, aproxima-se de Rosália, num canto, e comenta, em pânico, raivosamente:

ARLETE - O bandido demitiu mesmo! É um demente!

EXTERIOR - "CAMPUS" DA UNIVERSIDADE - MANHÃ

26. No "campus" da Universidade Nacional a atmosfera também é de tumulto e estupefação. Dezenas de estudantes reúnem-se numa área ex-

terna, diante da Reitoria. Todos os olhos estão voltados para a porta de entrada do edifício. Câmera, transitando pelo local, registra pedaços esparsos da conversas dos estudantes:

1º ESTUDANTE - Estão reunidos há mais de duas horas...

2º ESTUDANTE - Só espero que a comissão não se deixe intimidar!

Mais adiante, noutro grupo, rapazes e moças comentam:

3º ESTUDANTE - Acho o Arnaldo impulsivo demais...

MOÇA - É melhor ser impulsivo do que vacilante!

4º ESTUDANTE - Um pouco de habilidade não fazia falta a ninguém...

MOÇA - O Jonas tem habilidade?! Ora, Rubinho, habilidade é pra diplomata... H<sub>a</sub>bilidade e saliva...

Neste ponto o local se agita com a chegada da comissão universitária que surge à porta de entrada da Reitoria.

Arnaldo Frias sobe num ponto mais elevado, pede silêncio e anuncia aos colegas, que chegam mais perto:

ARNALDO - Colegas: a Congregação nada pôde fazer, diante do fato consumado. O Governo cortou 50% das verbas, alegando contenção de despesas! Houve um atentado contra a autonomia universitária! A medida vai afetar todo o programa de ensino, os cursos de extensão, o plano de bolsas-de-estudo, a construção dos restaurantes e alojamentos. Colegas...

27. Câmera-na-mão circula por entre os estudantes, fixando, em primeiros-planos, reações expressivas e inflamadas dos rapazes que ouvem, atentamente, a voz de seu líder:

ARNALDO (voz off) - ... o Governo iniciou o processo de fechamento da Universidade, baluarte contra os desmandos do Presidente! Vamos à luta, à ação enérgica contra a...

28. P.P.P. do líder estudantil, que completa, candente:

ARNALDO - ... insensatez dos que atentam contra a cultura, contra o ensino progressista e democrático! A hora é de decisão e unidade!

29. Do alto, câmera focaliza, em P.G., o pátio da Universidade. A multidão de estudantes prorrompe em gritos e aplausos, enquanto Arnaldo, no meio dela, é abraçado com entusiasmo.

EXTERIOR - EDIFÍCIO EM CONSTRUÇÃO - MANHÃ

30. Em contraponto sonoro, o forte ruído da gritaria dos estudantes funde-se com o som estridente de uma sirene no canteiro de obras do Instituto Previdenciário. As obras se interrompem, enquanto os operários se aglomeram numa área livre, diante do prédio em construção.

O chefe-de-obras, um mulato forte, trepado num caixote, dirige-se ao grupo:

CHEFE-DE-OBRAS - Olha aqui, pessoal: o Governo ordenou a paralização desta obra. Vocês estão dispensados! Podem passar na Caixa para fazer as contas. Lamento muito, amigos, não tenho nada com isto! São ordens de cima!

Os trabalhadores, perplexos, passam a comentar a notícia em grupos que, lentamente, se dispersam. Num deles se encontra o Matucho que, indignado, exclama:

MATUCHO - É de morte! O que é que a gente vai fazer agora?! Pedir esmola, morrer de fome com a família?!...

AMIGO DE MATUCHO - O bigodudo vive falando em fazer economia, cortar as despesas, outros bichos! Que economia é essa quando o Governo compra aviões a jato, compra porta-avião?!

MATUCHO - Tem jeito não, Zito ! Dinheiro pros uisques sempre tem! Pra nós é isto: dispensa, mi-séria, salário mínimo!...

INTERIOR - PLENÁRIO DA CÂMARA - MANHÃ

31. O deputado Alípio Antunes tenta atingir a tribuna da Câmara dos Deputados, no que é impedido pelos guardas e diversos congressistas. Reina grande tumulto no plenário. Os 22 deputados cassados provocam tremenda confusão, gritando ao mesmo tempo, protestando, exaltadíssimos. Uma atmosfera patética, tensa e dramática transforma o recinto num estádio de futebol. Mais forte que o tumulto destaca-se a voz poderosa de Alípio, que berra:

ALÍPIO - É um crime contra a Lei, uma violência, uma brutalidade! Meu mandato é inviolável, pertence ao povo! O Congresso não pode aceitar este ato de violência!

A campanha da mesa soa inutilmente. Ouve-se, possante, a voz do presidente que comunica ao plenário:

PRESIDENTE DA CÂMARA - A sessão está suspensa, até segunda ordem!

Diversos parlamentares, indiferentes ao drama dos cassados, deixam o recinto, enquanto Alípio, deblaterando, é praticamente arrastado para fora. Ao sair, inconformado, continua a berrar, apoplético:

ALÍPIO - Isto não fica assim!!! ~~com~~ pra Justiça! Ainda resta a Justiça para deter o maluco! Fui

eleito pelo povo! É um esbulho! Corrupto é o Jonas, bêbado e hipócrita, esquizofrênico, mistificador, farsante e desonesto!

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARLETE - MANHÃ

32. Em corte direto, os gritos de Alípio fundem-se com a voz exaltada de Arlete que, no interior de seu apartamento, fala ao telefone:

ARLETE - Mas você me assegurou que era boato! Ora, Gustavo, estou cansada de suas tapeações! Você é um mentiroso! Aquele doido lançou na rua mais de 5.000 funcionários! O que vai ser dessa gente agora?!... Pedir esmola na rua?!...

Arlete se cala por alguns segundos, ouvindo o interlocutor. Depois volta a falar, nervosamente:

ARLETE - Que jeito coisa nenhuma! Você não dá jeito em nada! Ninguém tem prestígio com aquele doido varrido!!!

INTERIOR - GABINETE PRESIDENCIAL - MANHÃ

33. O presidente Jonas Prado está reunido com a mesa da Câmara dos Deputados e alguns deputados situacionistas. O próprio Jonas, indiferente à situação, comenta:

JONAS PRADO - É sempre assim, senhores, em todas as épocas: só prevalece o interesse pessoal, em detrimento do coletivo! Meus atos têm objetivos mais altos: a moralização dos costumes, o repúdio aos abusos e aos excessos, aos gastos supérfluos, à corrupção! Não recuo em meus atos, senhores!

O deputado Anieto Martino, com respeito, meio intimidado, argumenta:

ANIETO - Suas boas intenções não estão em jogo, presidente. O que se recomendaria, na conjuntura, é uma política de moderação...

Jonas interrompe o parlamentar, ríspido, incisivo:

JONAS PRADO - Meu caro deputado: moderação em tempo de guerra é uma incoerência, um sofisma! Em tempo de guerra, o que se recomenda é o ataque! Fui eleito porque prometi guerra à corrupção e ao abuso! O país enfrenta muitos inimigos internos: a inflação, o empreguismo, os desajustamentos sociais, a agitação subversiva, a felonía, a imoralidade administrativa! Não sou homem de acomodações! O país há-de respirar ar mais puro, custe o que custar!

O líder da maioria na Câmara, deputado Edvaldo Pires, adverte, cautelosamente:

DEPUTADO EDVALDO - Os cassados ingressaram na Justiça, presidente. Como ficaria o Governo de Vossa Excelência se ganharem a questão, reconquistando o mandato?...

34. Câmara, no carrinho, aproxima-se do presidente que, raivoso, se ergue da cadeira e, os olhos rútilos, o dedo em riste, adverte:

JONAS PRADO - Nesse caso, deputado, enquadrarei a Justiça, que terá revelado falta de isenção e de integridade! Agirei contra a inidoneidade dos magistrados, que não são intangíveis, nem melhores do que qualquer cidadão comum!

INTERIOR - "BOITE" - NOITE

35. No interior da "boite" "Prelúdio", local preferido pelos estudantes, o ambiente está muito agitado. Grupos de universitários espalham-se pelo recinto, parcamente iluminado. Pelos alto-falantes ouve-se forte, a música de sucesso. Transitam garçons com bandejas, trazendo bebidas.

Câmera avança sobre a mesa onde se encontra Arnaldo Frias, que tem Helena ao lado, além de colegas de Universidade. Arnaldo escuta um colega, enquanto bebe cerveja e mastiga um sanduíche:

VALTENSIR - Este não é só privilégio das nações subdesenvolvidas, meu caro. Também as superpotências enfrentam a ascensão das novas ideologias. Acontece que os tempos mudam mais depressa do que as análises dos sociólogos...

Uma universitária de óculos, magrinha, interfere, com voz meio esganiçada:

MOCINHA DE ÓCULOS - E o que é que está mudando hoje tão rápido no mundo?! Algum fenômeno abstrato, difícil de entender? Nada disso, Valtensir: o mundo evolui, tranquilamente, sem dramas, para o socialismo!

36. Arnaldo, que havia parado de beber, dá seu ponto-de-vista, enquadrado pela objetiva em P.P.:

ARNALDO - Você tem razão, Arminda! Não é preciso grande esforço mental para se perceber que este é o caminho! Só o Jonas não enxerga a coisa e tenta, ingenuamente, impor uma ideologia esdrúxula, primária e personalista...

37. Arminda, estimulada pelo apoio do líder, acrescenta excitadamente:

ARMINDA - O Jonas está convencido de que é mais moderno do que o próprio Karl Marx, e tenta estabelecer a harmonia dos contrários...

Há risadas em volta, enquanto outro estudante, Bernardo Alvim, atracado com uma loura espevitada, exclama:

BERNARDO - Isto é palavreado, gente! O homem dos bigodes quer mesmo é botar fogo na nação! É um incendiário, um masoquista! Agora pergunto: a gente deve apagar o incêndio, ou atijar o fogo e queimar a porcaria?!....

38. P.A. do grupo, favorecendo Arnaldo Frias, que retruca:

ARNALDO - Ninguém faz revolução com incêndio, "seu" anarquista! Só com bala!

---

SEQUÊNCIA IV

INTERIOR - CÂMARA DOS DEPUTADOS - TARDE

39. O ex-deputado Alípio Antunes chega à Câmara para receber os últimos subsídios. Atravessa o saguão de entrada, em meio à quase indiferença dos que por lá circulam, inclusive os funcionários que o cumprimentam sem o entusiasmo de antes. Esta mudança não passa despercebida pelo ex-pagamentar que, logo depois, chega à Tesouraria, onde recebe o cheque e assina um recibo com os últimos vencimentos de deputado.

Dirige-se, depois, ao gabinete do presidente da casa. Um funcionário informa:

FUNCIONÁRIO - O presidente foi a Palácio, e

talvez não volte hoje, deputado...

ALÍPIO - Ex-deputado, "seu" Jacinto... Está bem, obrigado.

Depois se encaminha para o gabinete do líder da Oposição que, reunido com diversos parlamentares, o recebe com efusão:

LÍDER DA OPOSIÇÃO - Salve, o herói do dia!...

ALÍPIO - Herói sem heroísmo, Martins. Até os guardas da segurança me desconhecem. Todo o mundo está mais ou menos de resguardo...

LÍDER DA OPOSIÇÃO - Um dia esta casa cai, na expressão da palavra. Aí o Jonas instala a ditadura, com a qual sempre sonhou! Mas, Alípio, o que você manda? Como vai a questão na Justiça?

ALÍPIO - Denegaram o mandado. Recorri ao Supremo, sem grandes ilusões. É aquela curvatura conhecida, meu caro: o gesto da subserviência! Só vim saber uma coisa de vocês: ainda pertengo ao Partido? O que devo fazer, nesta emergência?

40. O líder da oposição aproxima-se de Alípio e o conduz a um canto, dizendo, antes, aos companheiros:

LÍDER DA OPOSIÇÃO - Vocês me dão licença... Venha aqui, Alípio.

Os dois vão sentar-se num sofá, num canto da sala. Ali o deputado Martins fala ao ex-colega, com voz mais baixa:

LÍDER DA OPOSIÇÃO - Preciso ser franco com você, Alípio. A bancada acha melhor, por enquanto, que os cassados não participem abertamente das reuniões. É para não dar pretexto ao Governo para novos atentados...

Alípio, sem ocultar uma grande decepção, interrompe o líder e faz, inclusive, menção de partir:

ALÍPIO - Eu já esperava isto, Martins! É a consequência natural da acomodação, da falta de coragem cívica!...

LÍDER DA OPOSIÇÃO - Pode ser também uma forma de tática, Alípio. A tática do recuo aparente, mas necessária para um avanço mais firme depois...

ALÍPIO - Conheço bem este tipo de recuo, Martins! De recuo em recuo a Câmara já chegou à beira do abismo!... Basta o Jonas dar um pequeno empurrão e vocês se esborracham no fundo do poço! Não há nada mesmo a fazer aqui, meu caro! Felicidades para vocês, boa tática para todos...

Dizendo isto, Alípio levanta-se, atravessa a sala, em meio a um silêncio constrangedor, e sai.

INTERIOR - GABINETE DO MINISTRO - TARDE

41. Sentada na ante-sala do gabinete do Ministro das Finanças, Arlete Murtinho não oculta uma grande contrariedade. Espalhadas pelas poltronas e sofás do recinto, outras pessoas, alheias ao drama da funcionária demitida, lêem jornais, aguardam pacientemente, conversam entre si, em voz baixa.

Um oficial de gabinete, rapaz magro, metido num terno bem talhado, chega diante de Arlete e diz, o ar "blasé":

OFICIAL DE GABINETE - A senhorita será agora recebida pelo senhor Ministro!

Arlete levanta-se, quase assustada, e entra no gabinete ministerial.

42. Acompanhando a funcionária em "travelling" para a frente, câmara descreve o gabinete ministerial. A amplitude e o luxo da sala,

além da atmosfera austera que dela emana, intimidam nossa personagem que, vencendo a custo a própria timidez, se aproxima do Ministro.

O alto dignatário, atrás da grande mesa, despacha alguns papéis com o secretário-particular. Depois ergue os olhos e, vendo aproximar-se a moça, lhe diz, com solenidade:

MINISTRO - Queira sentar-se, dona Arlete. Um minutinho só, por favor!

Arlete se acomoda numa cadeira e fica esperando. O Ministro assina outros papéis. Depois se volta para a funcionária, enquanto o secretário se afasta:

MINISTRO - Então, dona Arlete, parece que vamos perder sua colaboração...

ARLETE - Pois é, doutor Tapajós! Estou arrasada! Nunca esperava que isto acontecesse...

Arlete, sem conter a emoção, explode num choro convulsivo. Soluçando, consegue dizer:

ARLETE - Foi uma desgraça, senhor Ministro!... A demissão me pegou de surpresa... Não sei... o que fazer!... Sou pobre, o senhor sabe...

O Ministro, constrangido, tenta consolar a ex-funcionária, dizendo, paternalmente:

MINISTRO - Procure acalmar-se, dona Arlete. Faça um esforço... Prometo falar ao presidente sobre seu caso. Acho que o doutor Jonas reconsiderará a medida...

43. Arlete consegue conter o choro e, repentinamente, com acesso de fúria, desabafa:

ARLETE - Reconsidera coisa nenhuma, doutor Tapajós!  
Aquele homem é de pedra, não se comove com a miséria  
dos outros! Acho que ele é um sádico!

O Ministro, chocado, fica grave. Depois volta a dizer, formal,  
frio:

MINISTRO - A senhora se excede, dona Arlete! Não  
posso admitir esta descortesia! Assim a senhora não  
consegue nada! Não é ofendendo a autoridade consti-  
tuída que vai resolver seus problemas!

Arlete, caindo em si, fica humilde, pede desculpa:

ARLETE - O senhor me desculpe, Ministro... Me excedi,  
perdi a calma... É este estado de agitação, de pânico...  
Acho que o senhor tem razão, é preciso ter es-  
perança...

MINISTRO - Isto mesmo, dona Arlete, é preciso ter  
esperança!

O Ministro levanta-se, chega perto da ex-funcionária, toma-lhe  
as mãos e, com delicadeza, a conduz à saída, dizendo:

MINISTRO - Pode confiar em mim... Falarei ao presi-  
dente, estudarei seu caso com o maior interesse...

Volte para casa e aguarde uma notícia minha... Adeus  
minha cara!...

ARLETE - Adeus, senhor Ministro. E muito obrigada  
por tudo!...

Arlete deixa a sala, cruzando com o Secretário-Particular que  
volta com novos documentos para assinar.

INTERIOR - BAR DE RADIOSA - NOITE

44. Matucho toma um pileque num botequim da cidade-auxiliar de Radiosa. São nove horas da noite. No recinto há outros frequentadores bebendo cerveja e cachaça, comendo sanduíches de mortadela e pequenas refeições, enquanto discutem os assuntos do dia.

Matucho, azedo, bebe num canto o resto de um copo de cachaça. A seu lado está Zito, vizinho e amigo. Ouvindo falar no nome do doutor Jonas Prado, presta atenção e escuta restos da conversa de três populares, numa mesa próxima:

UM POPULAR - Antes do Jonas, a mamata!... Só dava gatuno neste país!... O homem é macho!

Matucho engole o resto do copo, levanta-se e, aproximando-se da outra mesa, solta a língua:

MATUCHO - Macho?!... Ele é macho?! É macho com as negras dele, com os pequenos! E com os tubarões, os ricos, ele é macho?! Já pôs tubarão na cadeia?! Já abriu inquérito, já prendeu o coronel Pacheco que tem 80.000 alqueires de terra e mata de fome os empregados?! Já pôs pra fora os estrangeiros que compram tudo por preço de banana?! Ora, deixa de besteira, sô!

O popular escuta meio perplexo a catilinária do Matucho. Depois retruca, irritado:

POPULAR - E quem é que pediu sua opinião?!...

MATUCHO - Ninguém pediu, mas eu falo! A boca é minha e não fico calado quando ouço falar na macheza desse tipo! Sou vítima desse desgraçado! Perdi o emprego, estou na rua, sem dinheiro! Vim pr'aqui com promessa de melhorar, e agora me deixam sem trabalho! O homem pensou nas consequências quando mandou parar as obras?!

45. Câmera avança sobre o operário que, cada vez mais exaltado, continua a dizer:

MATUCHO - Olha aqui, "seu": te digo uma coisa: votei no Jonas, confiei no homem! Agora maldigo a hora em que enfiei o voto na urna!

46. Câmera enquadra o botequim em P.M.

Nesse momento chega ao recinto a mulher do Matucho. Vai ao encontro do marido e tenta retirá-lo de lá, dizendo:

JOSEFINA - Vamos, Matucho, por favor! O Miguelzinho piorou!

Matucho tem uma reação inesperada diante da intervenção da mulher, e exclama zangado:

MATUCHO - Vai pra casa, mulher! Aqui não é lugar de mulher! Me deixa em paz, que não sou galinha!

A mulher sai, humilde e assustada. Matucho volta à sua mesa, enquanto os três populares pagam a conta, querendo partir. Matucho, de seu lugar, recomeça a provocação:

MATUCHO - Votei nele, sabe disso?! Agora pago meu pecado! Fui tapeado! O povo todo sabe que fez uma besteira, qualquer dia faz o maluco correr, vocês vão ver só!

O popular que inspirara a bronca do Matucho ainda comenta, antes de sair:

POPULAR - Este país precisa é de Governo duro! Vocês estão querendo mesmo é ditadura!

Matucho pula da cadeira e berra, furioso:

MATUCHO - E ditadura é melhor?! Mata a fome do povo?!

---

SEQUÊNCIA V

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARNALDO - NOITE

47. A sala do apartamento de Arnaldo Frias está repleta de estudantes, convocados para uma reunião decisiva. Rapazes e moças espalham-se pelo recinto, em cadeiras, poltronas, em volta da mesa, até pelo chão.

Helena e outras colegas também participam da assembléia, servindo cerveja, refrigerantes e salgadinhos.

Prevalece um clima de importantes decisões. Apesar do burburinho, há ordem na sala, presidida pelo estudante de Direito Rubens Taranto, presidente do Diretório Central dos Estudantes, o qual, com a palavra, esclarece:

RUBENS - Ninguém se iluda mais: o corte das verbas é o primeiro passo de um plano de mutilação da Universidade, de sacrifício das pesquisas, de atentado à estrutura progressista de nossas Faculdades!

Outro universitário interrompe:

1º UNIVERSITÁRIO - Todo o mundo sabe que o Governo prepara a demissão de 12 professores, que ele considera "portadores de idéias nocivas à juventude"!

Rubens Taranto então completa, concordando:

RUBENS - É verdade! Corte de verba, redução das pesquisas e das bolsas-de-estudo, reforma dos currículos, demissão de professores fazem parte de um plano global de emudecer a liberdade!

Um coro de "muito bem", "apoiado", enche a sala, enquanto Arnaldo Frias se levanta e propõe:

ARNALDO - Quero fazer uma proposta: como advertência ao Governo, sugiro greve geral de 24 horas, com a formação de comitês em cada Escola. Depois disso, uma grande passeata na Avenida do Comércio!

Outro estudante, presidente do Diretório da Faculdade de Medicina, sugere, por sua vez:

2º UNIVERSITÁRIO - Também proponho a redação de um manifesto, representando o pensamento dos estudantes, denunciando à Nação as maquinações do Governo e definindo nossa posição de inconformismo!

Os participantes da reunião aprovam a proposta, enquanto Rubens Taranto, sintetizando as propostas, acrescenta:

RUBENS - Acho desnecessária qualquer votação. Pelo visto, as propostas estão aprovadas por aclamação. Vamos fazer uma concentração amanhã, no fim das aulas da manhã, no "campus" da Universidade, para a comunicação aos colegas.

Todo o grupo apoia, estalando a ponta dos dedos, evitando as palmas. Depois se levantam, encerrando a assembléia.

#### INTERIOR - PALÁCIO RESIDENCIAL - NOITE

48. O presidente Jonas Prado encontra-se na sala de projeção do Palácio Residencial de Ameríndia. Também estão no recinto o Secretário-Particular, o Ministro da Justiça, Rabelo Cruz, e mais três ou quatro pessoas da intimidade do Chefe do Governo.

Jonas veste o macacão tradicional. Fuma-se muito. O presidente, após server outra dose de uísque, recomeça a falar:

JONAS PRADO - Não sou insensível ao drama dessa gente que, no fundo, não tem mesmo culpa de seu infortúnio. Sou também de origem humilde, Rabelo, você sabe. Mas o que se pode fazer quando a justiça é mais importante do que a piedade?...

Dizendo isto, Jonas engole outra dose de uísque, trazido pelo garçon. Rabelo, que também bebe, responde ao presidente:

RABELO CRUZ - No fundo eles sabem que você está certo, Jonas. Mas é essa tendência nacional para o choro, essa falta de desprendimento...

Jonas interrompe, patético:

JONAS PRADO - Desprendido, no caso, sou eu! Seria mais cômodo entrar na torrente, descer o rio, em lugar de enfrentar a força dos interesses contrariados! Fiz promessas ao povo, Rabelo. E promessa eu cumpro, custe o que custar!

Raimundo Horta, conterrâneo do presidente, interfere:

RAIMUNDO HORTA - Me~~x~~ preocupa muito, Jonas, a agitação dos estudantes...

Jonas interrompe, precipitadamente:

JONAS PRADO - A rebeldia de estudante e da classe média, meu caro, sempre foi mais fácil de conter. Tem pontos vulneráveis, não é sempre muito escrupulosa, é sensível à bajulação...

Rabelo Cruz acrescenta, com voz macia, meio alcoolizada:

RABELO CRUZ - Estudante nunca foi eleitorado seu, Jonas. Só os trabalhadores me preocupam. São drásticos, imprevisíveis, nada têm a perder, e quando protestam...

49. P.P. do presidente, que interrompe, confidenciando ao amigo:

JONAS PRADO - Olha, Rabelo, vou lhe contar um segredo: é mais fácil convencer um operário pela astúcia, do que um burguês pelo raciocínio!

50. P.A. do grupo. Homero Carpi, outro confidente do Jonas, meio espichado na poltrona, interfere, a voz pastosa:

HOMERO CARPI - Pela astúcia e pela inteligência os homens, na verdade, ficam eternos...

Rabelo pergunta, provocante:

RABELO CRUZ - E a virtude, meu caro, onde fica?...

JONAS PRADO - Esta fica nos altares, Rabelo...

Jonas, dizendo isto, engole o resto do uísque. Depois, com voz também pastosa, aperta um botão, apanha o interfone e ordena ao projecionista:

JONAS PRADO - Ó Anacleto, manda lá esta divina Ava Gardner!

Depois, dirigindo-se aos amigos, conclui:

JONAS PRADO - Melhor do que estudante, melhor do que operário e do que santo, rica em virtudes, pródiga em malícia e delectável como o pecado é esta mágica, inefável e, no entanto, tão sanguínea Ava Gardner!

Por ela trocaria, prazerosamente, a glória do poder por um minuto de intimidade...

As luzes da sala se apagam. O jato de luz se projeta na tela. Ava Gardner aparece, esplendorosa, em cena de filme antigo.

Câmera, na semiobscuridade, avança lentamente na direção do Presidente da República. Jonas, refastelado na poltrona, o copo na mão, o olhar rútilo, aguçado pelo álcool e pela euforia, é o mais feliz dos mortais.

---

ESCURECIMENTO

---

SEQUÊNCIA VI

INTERIOR - APARTAMENTO DE ALÍPIO - MANHÃ

51. Partindo do P.P. do ex-deputado Alípio Antunes que dorme, em seu quarto, câmera recua até P.M., mostrando o recinto ainda na semiobscuridade.

O quarto, em desalinho, revela a solidão do ex-parlamentar.

Alípio, subitamente, é despertado pelo ruído forte da campainha da porta de entrada. Meio assustado, levanta-se com certa precipitação, calça os chinelos, atravessa o quarto e ganha a sala-de-visitas.

52. Acompanhado pela objetiva, que faz o movimento panorâmico, Alípio chega à porta de entrada, que abre.

Diante dela um funcionário municipal, de uniforme, cumprimenta e pergunta:

FUNCIONÁRIO - Bom dia, senhor. É o deputado doutor Alípio Antunes?...

ALÍPIO - Ex-deputado e ainda doutor Alípio... Sou eu mesmo. Do que se trata?

O funcionário retira de uma pasta de couro um envelope timbrado e informa:

FUNCIONÁRIO - Trago um officio do Departamento

Residencial do município. O senhor deve dar recibo.

Alípio convida:

ALÍPIO - O senhor queira entrar. Com licença, que vou ler o ofício.

53. O funcionário vai sentar-se num sofá, enquanto Alípio abre o envelope, aproxima-se de uma janela e começa a ler, em voz baixa, para si mesmo:

ALÍPIO (lendo): "Incália, 14 de julho de 1961.

Ao Ilustríssimo Senhor Doutor Alípio Antunes. Tendo em vista o Decreto presidencial de 5 do corrente mês, publicado no "Diário Oficial", e considerando que os apartamentos oficiais deste Departamento estão, por força de Lei, reservados às altas autoridades administrativas e aos senhores parlamentares, vimos, com pesar, comunicar a V.Sa. que o imóvel que ocupa, de propriedade do Município, deverá, num prazo de 5 dias, ser desocupado e devolvido ao órgão competente. Com os protestos de distinta consideração, assinamos, cordialmente, Demócrito Gaspar, Chefe da Divisão de Desocupação de Imóveis".

Alípio fica alguns segundos parado, relendo mentalmente a carta.

Depois levanta os olhos e observa o funcionário que, de seu lugar, finge olhar para outro ponto da sala. Alípio caminha na direção do portador e pergunta:

ALÍPIO - O senhor tem uma caneta, por acaso?

O funcionário retira do bolso a caneta, que estende ao ex-deputado. Alípio vai à mesa e põe a assinatura no documento, que devolve ao funcionário. Este se levanta, despede-se e caminha até a porta.

INTERIOR - CASA DE MATUCHO - MANHÃ

54. Câmera focaliza agora, na cidade-auxiliar, o pedreiro Matucho. Está à janela, observando o movimento da rua. Depois de algum tempo, volta à pequena sala-de-jantar, quando ouve a voz de Josefina que lhe diz:

JOSEFINA - Vem almoçar, Matucho, senão a comida esfria.

O operário senta-se à mesa, faz o prato, começa a comer em silêncio.

A seu lado, magro de doer, Miguelzinho mastiga sem vontade a carne seca. Depois de alguns segundos sem nada dizer, o operário avisa à mulher:

MATUCHO - Vou ao Instituto ver como vai a coisa. Se não resolverem, erio caso, faço o diabo! Assim não pode ficar!

Josefina, que fôra à cozinha, volta com outro prato de comida, enquanto responde ao marido:

JOSEFINA - As economias estão no fim. Depois, o que vai acontecer, Matucho?!...

Matucho acaba de mastigar. Medita um pouco e, em seguida, sombrio, levanta-se do lugar e responde:

MATUCHO - Eles é que vão saber o que vai acontecer! Assim não fica! Me fazem mudar de vida, de profissão, e depois me põem no olho da rua?! Não! Eles me pagam! Vou ao Instituto!

Miguelzinho, animando-se, pergunta:

MIGUELZINHO - O senhor me leva, papai?...

MATUCHO - Não, Miguelzinho. Você está doente, é melhor não ir.

O menino, choroso, vai para perto da mãe, enquanto Matucho apanha o paletó e sai para a rua.

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARLETE - MANHÃ

55. A objetiva, que no plano anterior fixara o gesto de Matucho de abrir a porta, agora enquadra Arlete no instante em que, acompanhada de Rosália, também deixa o apartamento. Ao fechar a porta ela diz:

ARLETE - Mesmo sem esperança, vou levar o cartão do Senador ao Chefe do Gabinete Civil...

ROSÁLIA - Você precisava falar pessoalmente é com o Jonas, Arlete...

ARLETE - Vou tentar, Rosália. Quero ver se o cartão facilita.

Depois as duas chegam ao elevador. E descem ao térreo.

INTERIOR - APARTAMENTO DE ALÍPIO - MANHÃ

56. De volta ao interior do apartamento do ex-deputado Alípio Antunes, câmara focaliza um canto da sala-de-visitas, centralizando a mesa com o telefone que soa forte.

Alípio entra no quadro e vai atender:

ALÍPIO (ao telefone) - Alô! Sim, sou eu... Ah, como vai, Clarinda?... Eu vou indo, vou indo... E as crianças? (Ouve). É mesmo... O sacripanta fazendo das suas!... Não, não. Perdi a questão, já recorri ao Supremo, mas sem esperanças. É a degradingolada! Mas vou até o Tribunal de Haia! Não, Clarinda, não posso ir agora. Mas diga...

57. P.P. de Alípio, ouvindo, pelo telefone, a mulher dizer:

CLARINDA (pelo telefone): Não tem jeito mesmo, Alípio... Esperei muito tempo! Não suportei esta vida, esta solidão! A separação definitiva é melhor para nós dois, é melhor para as crianças...

ALÍPIO (exaltando-se) - Faça o que você quiser, Clarinda! Aceito qualquer solução, já estou escalavrado! Está bem, logo que puder vou para aí. Adeus.

58. Alípio desliga o aparelho. Taciturno, o orgulho ferido, melancólico, caminha pela sala, joga-se numa poltrona. É a imagem de um derrotado.

Câmera, lentamente, vai até o primeiro-plano de seu rosto marcado pelo sofrimento e a decadência.

INTERIOR - INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA - MANHÃ

59. Matucho está diante de uma mesa, na ante-sala da presidência do Instituto de Assistência Social. Um funcionário mal-humorado, calvo e de óculos, com a manga da camisa enrolada no braço, está dizendo:

FUNCIONÁRIO DO INSTITUTO - Já disse que este assunto não é de minha competência!...

O operário, impaciente, quase irritado, retruca:

MATUCHO - Do terceiro andar me mandaram falar com o senhor. Agora não é com o senhor! Com quem é, então?!...

FUNCIONÁRIO DO INSTITUTO - Seu caso é de alçada do Ministério da Mão-de-Obra, cavalheiro!

Matucho, com um seco "obrigado", retira-se e vai esperar o

elevador.

INTERIOR - GABINETE DA CASA CIVIL - MANHÃ

60. A porta do elevador do Palácio dos Despachos se abre, liberando diversas pessoas, entre as quais a ex-funcionária Arlete Murtinho.

O ascensorista indica a sala:

ASCENSORISTA - É aquela porta, senhorita. É o gabinete do doutor Gervásio.

ARLETE - Obrigada.

Depois se encaminha para a sala indicada, e entra.

61. No gabinete do sub-chefe, uma sala espaçosa, com vários jogos de poltronas, o doutor Gervásio, um homem alto e magro, a boca grande e lasciva, fala ao telefone.

Arlete se aproxima da mesa e espera:

DOUTOR GERVÁSIO (ao telefone): O processo ainda não chegou às minhas mãos... Não, ainda não. Só depois de examiná-lo posso dar um parecer. Sim, sim. Fico aguardando. Até logo.

O alto funcionário desliga e, vendo Arlete diante da mesa, pergunta:

DOUTOR GERVÁSIO - Pois não?...

ARLETE - Bom dia, doutor. Desejava falar ao senhor Chefe do Gabinete Civil.

DOUTOR GERVÁSIO - Tem audiência marcada?

ARLETE - Não tenho. Mas trago um cartão do Senador Campelo, grande amigo dele...

DOUTOR GERVÁSIO - Não nego, senhorita. Mas sem hora marcada é difícil, muito difícil. Qual é o assunto da entrevista? Talvez eu possa encami-

nhar a solução...

ARLETE - Não sei, acho que não... É sobre minha readmissão, doutor Gervásio.

62. P.A. de Arlete e do sub-chefe, que convida:

DOUTOR GERVÁSIO - Mas vamos sentar-se, por favor.

Arlete senta-se numa cadeira, diante do alto-funcionário, que completa:

DOUTOR GERVÁSIO - Então a senhora também foi demitida...

ARLETE - Eu era interina, faltando cinco meses para ser efetivada... O senhor compreende...

DOUTOR GERVÁSIO - Acho improvável a readmissão. O presidente dificilmente reconsidera seus atos, sobretudo nesses assuntos...

ARLETE - O Senador também me explicou. Mas, quem sabe, não seria possível uma nova nomeação?...

DOUTOR GERVÁSIO - Isto se pode estudar, dona Arlete...

Gervásio que, de soslaio, fizera um reconhecimento anatômico da ex-funcionária, apanha, muito interessado, um cartão-de-visitas e o estende à moça, dizendo, com insinuações:

DOUTOR GERVÁSIO - A senhora pode me dar um toque... Conversaremos. Vamos ver o que se pode fazer...

Arlete guarda o cartãozinho na bolsa. Depois se levanta, despedindo-se:

ARLETE - Obrigada, doutor Gervásio. Até logo.

EXTERIOR - "CAMPUS" DA UNIVERSIDADE - MANHÃ

63. Enorme multidão de estudantes ocupa a praça fronteiriça à Reitoria. Praticamente todo o corpo discente da Universidade lá se encontra, convocado por seus líderes. Os estudantes saúdam a decisão da greve com um coro poderoso de vozes:

MULTIDÃO - Greve! Greve! Greve!

INTERIOR - ANTE-SALA DO MINISTRO - MANHÃ

64. Câmera focaliza o Matucho no instante em que se aproxima de um funcionário, na ante-sala do gabinete do Ministro da Mão-de-Obra:

MATUCHO - Pode me dar uma informação?

O funcionário, sem nenhum entusiasmo, pergunta:

FUNCIONÁRIO - De que se trata?

MATUCHO - Eu morava no Orenoco, onde tinha uma roça. Depois vim com a família para Incália, ajudei a construir a cidade, dei duro, e agora me deixaram sem emprego...

O funcionário compreende tudo. Interrompe Matucho, dizendo:

FUNCIONÁRIO - O senhor trabalhava na construção civil, não é?...

MATUCHO - Sim, no Prédio C do conjunto dos Comerciantes, que o doutor Jonas mandou parar...

FUNCIONÁRIO - Então é assunto do Instituto de Assistência Social. O senhor recebeu indenização?

MATUCHO - Recebi.

FUNCIONÁRIO - Já procurou novo emprego?

W

MATUCHO (irritado): Que emprego?! Há mais de cinco mil desempregados na cidade, vagando por aí! Muitos passam fome, não têm para onde ir!...

FUNCIONÁRIO - O jeito é voltar para o interior...

Matucho levanta-se da cadeira e, muito exaltado, retruca:

MATUCHO - Isto é fácil de dizer, moço!... O que se pode fazer num lugar onde só há seca, mato bravo e miséria?! O senhor diz isso, bem sentado aí em sua cadeira, com o emprego garantido!...

O funcionário, meio amedrontado, encerra a conversa:

FUNCIONÁRIO - Pois o senhor se dirija a quem de direito, cavalheiro, que eu não tenho nada com seu problema!

MATUCHO - E quem é que tem então?!

65. Um guarda do Ministério, atraído pelo tom agressivo do operário, aproxima-se e pergunta:

GUARDA - Algum problema, "seu" Matoso?

FUNCIONÁRIO - Faça o favor de conduzir este cidadão à porta de saída!

Matucho, nervosíssimo, retruca:

MATUCHO - Não é preciso! Sei onde fica a saída!

---

SEQUÊNCIA VII

EXTERIORES - INCÁLIA - NOITE

66. Uma tensa e inquietante noite impregna Incália de frustrações

e desalento.

A capital repousa, em silêncio quebrado somente por alguns veículos retardatários.

Câmera, através de "flashes", capta aspectos expressivos da cidade. Depois aproxima-se do prédio de apartamentos onde reside Arlete.

A lente "Zoom", em seguida, avança até o primeiro-plano de uma das janelas do edifício.

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARLETE - NOITE

67. Câmera deslisa no interior do apartamento de Arlete, aproximando-se da moça que, na sala-de-visitas, sob a luz de um "abat-jour", medita solitariamente. Sua expressão é triste, sombria. Veste uma camisola e tem os cabelos em desalinho. Tentara dormir, sem resultado, e viera à sala, tentando acalmar seus pensamentos tumultuados.

Câmera, em "travelling" para a frente, vai até o primeiríssimo-plano do rosto sofrido de nossa personagem, destacando seus olhos cansados e perplexos.

INTERIOR - APARTAMENTO DE ALÍPIO - NOITE

68. Ligeiramente do alto-para-baixo, a objetiva da câmera agora focaliza o ex-deputado em P.P.

Depois câmera recua, lentamente, até mostrar Alípio Antunes estendido na cama, os olhos abertos, insone.

Pernilongos tentam picar seu rosto. Alípio, com raiva, tenta espreme-los na mão, inutilmente. Depois senta-se na cama, abre a gaveta do criado-mudo, apanha o fumífero que ele acende e coloca sobre a mesinha de cabeceira.

O pequeno dispositivo vai soltando uma fumaça acizentada que afugenta os pernilongos.

Alípio volta a deitar-se, concentra-se novamente em seus sombrios pensamentos.

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARNALDO - NOITE

69. Agora o que se vê é o interior do apartamento de Arnaldo

Frias. O líder estudantil, à mesa de trabalho, redige um manifesto. Escreve com facilidade, quase de um só fluxo.

Depois de alguns instantes, interrompe o trabalho, apanha a folha e relê o que escreveu, fazendo correções. E assim continua, por algum tempo mais, enquanto a câmera, percorrendo o quarto, revela, de passagem, o leito ao fundo, intocado.

INTERIOR - CASA DE MATUCHO - NOITE

70. O campo visual agora abrange o quarto de dormir do Matucho, em Radosa. Josefina, sua mulher, parece dormir, deitada ao lado.

Matucho, de frente, tem os olhos abertos, acuados, pensando no drama de sua vida. Numa extremidade do cômodo, Miguelzinho tosse, em intervalos regulares. Pela janela semi-aberta entra a luz do poste, enquanto se ouve, vindo do fundo, sons de um bar que fica perto.

A música de um rádio, pedaços de vozes, de discussão, chegam ao aposento. Há uma atmosfera opressiva no quarto do operário.

Matucho medita sobre sua própria miséria. Ao lado, a mulher, o rosto riscado de rugas, é a imagem pungente da desesperança.

EXTERIORES - INCÁLIA E RADIOSA - MADRUGADA

71. Câmera fixa flagrantemente externos de Incália e de Radosa à primeira luz da aurora. No vasto horizonte do planalto aparecem as primeiras cores da madrugada fria. Um grande silêncio paira sobre tudo.

---

SEQUÊNCIA VIII

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARLETE - MANHÃ

72. Arlete veste um "peignoir" que realça suas formas. Verifica-se que preparou cuidadosamente a maquiagem. Percorre a sala, fazendo uma última arrumação. Seu rosto, contudo, não exprime entusiasmo, ou excitação.

Logo depois soa a campainha da porta de entrada. Arlete vai abrir. É Gervásio Batista, o sub-chefe do Gabinete Civil, visto anteriormente. Arlete convida-o a entrar, dizendo:

ARLETE - Bom dia, doutor Gervásio. Vamos entrar.

DOUTOR GERVÁSIO - Obrigado, dona Arlete. Como está passando?

O sub-chefe entra no apartamento. Arlete fecha a porta e, em seguida, conduz o recém-chegado ao jogo de poltronas, onde se acomodam. Depois lhe diz:

ARLETE - Aceita um uísque?

DOUTOR GERVÁSIO - Uma pequena dose, por favor...

Arlete vai ao barzinho e prepara a bebida, enquanto, de seu lugar, Gervásio lhe fala:

DOUTOR GERVÁSIO - Olhe aqui, Arlete: já percebeu que não te chamo de dona Arlete?... Pois você vai fazer o mesmo... Tire o doutor Gervásio!

Arlete aproxima-se com o copo de uísque, e responde:

ARLETE - Está bem, então fica combinado, Gervásio.

DOUTOR GERVÁSIO - Agora começo a sentir que uma boa amizade está nascendo entre nós... Seu telefonema, Arlete, me encheu de alegria!

Gervásio, dizendo isto, olha expressivamente nos olhos a bela moça, que percebe no visitante a lubricidade que marca as palavras de um segundo sentido. A constatação do fato deixa nela um laivo de desgosto e repulsa, que ela, evidentemente, sabe disfarçar. Depois de beber um gole da bebida, Gervásio, avançando mais, acrescenta:

DOUTOR GERVÁSIO - Minha alegria agora é maior, quando a tenho ao meu alcance, bela, particularmente bela!...

73. O ex-deputado Alípio Antunes penetra no gabinete do Secretário-Geral do Supremo Tribunal de Justiça. O alto funcionário, em sua mesa de trabalho, recebe Alípio sem levantar-se:

SECRETÁRIO-GERAL - Bom dia, doutor Alípio.  
Sente-se, por favor.

ALÍPIO - Obrigado. Como vai, doutor Augusto?

SECRETÁRIO-GERAL - Muito bem, obrigado.

Nesse instante soa o telefone. O Secretário-Geral atende, enquanto a câmara, indo fixar Alípio em "close", revela nervosismo e inquietação.

O alto servidor, após desligar o fone, comenta:

SECRETÁRIO-GERAL - A situação não é das melhores, meu caro. O Tribunal pleno denegou o mandado, considerando constitucional o decreto. O que o senhor pretende fazer agora?

Alípio, refazendo-se da má notícia, responde, depois de alguns segundos de perplexidade:

ALÍPIO - Agradeço a informação, doutor Augusto. É lamentável, na verdade, mas respeito a decisão do Supremo. Ainda não sei o que fazer, agora que nenhum recurso mais me resta neste país. Vamos ver, vamos ver. Muito obrigado, doutor, muito bom dia.

O ex-deputado levanta-se, atravessa a sala e sai pela porta dos fundos, enquanto o doutor Augusto, após segui-lo com os olhos, penalizado, volta a atender ao telefone.

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARLETE - MANHÃ

74. No interior do apartamento de Arlete Murtinho as coisas se

agravaram.

Gervásio, atigado pelo desejo e pela bebida, passa das palavras aos atos. Atraca a ex-funcionária, mas o faz desajeitadamente, sem delicadeza. Beija-a, afaga-lhe os seios, que se destacam no "peignoir" quase transparente. Depois, canhestramente, força Arlete a deitar-se no sofá, dizendo abrasadamente:

DOUTOR GERVÁSIO - Você me deixa doido, lindeza! Você é irresistível, maravilhosa! Perco até as estribeiras!...

Arlete debate-se nos braços do sub-chefe, enfastiada, contendo dificilmente a repulsa. Depois explode, irritada:

ARLETE - Aqui não, homem!... A Rosália pode chegar! Comporte-se, doutor Gervásio!

Gervásio afrouxa o abraço. Arlete aproveita para escapar. Depois caminha na direção do quarto de dormir, enquanto o alto funcionário a segue, afogueado, com os olhos lúbricos. Depois toma mais alguns goles do uísque, levanta-se e vai também para o quarto.

EXTERIOR - "CAMPUS" DA UNIVERSIDADE - MANHÃ

75. Um funcionário acaba de afixar no quadro de avisos da Reitoria um ofício datilografado. Numerosos estudantes, espalhados pelo pátio, precipitam-se para ler, estabelecendo-se ligeiro tumulto. Um dos estudantes, colocado diante do quadro, pede silêncio e anuncia:

ESTUDANTE - Faça silêncio, pessoal, que eu leio em voz alta!

Faz-se silêncio no local. O estudante começa, então, a ler o documento, enquanto a câmera se movimenta, visualizando a reação dos universitários:

ESTUDANTE (lendo): "A congregação da Universidade

Nacional, no uso de suas atribuições, e tendo em vista os graves acontecimentos que se desenrolam no "campus" universitário, ameaçando sua segurança e o clima de paz, indispensável à prática do ensino, resolve expulsar de seu corpo discente os seguintes alunos, comprovadamente cabeças de desordens e de recentes movimentos subversivos: Arnaldo Frias, Bernardo Jacinto, Carlos Aquino Marins, Flávio Henrique Mendonça, Gustavo Farias, José Miguel Molina...

Uma vaia estrondosa abafa completamente os outros nomes. Os estudantes, entre os quais estão muitos dos expulsos, inclusive Arnaldo Frias, vociferam à toda força sua indignação. Ao local precipitam-se contingentes da Polícia, colocando-se diante do prédio da Reitoria, em posição de defesa.

INTERIOR - CASA DE MATUCHO - MANHÃ

76. Matucho, ouvindo a tosse intermitente do filho, vai ao quarto, ascolta sua temperatura e diz, preocupado, à mulher, que costura num canto:

MATUCHO - O menino está piorando, Josefina! Acho que o remédio não adiantou. O melhor é levar Miguelzinho ao hospital.

JOSEFINA - Você mesmo disse que não há vaga...

MATUCHO - Tem de haver! Vamos levar o garoto, está com febre alta!

10  
Matucho, em seguida, apanha o filho. Josefina cobre-o com um cobertor. Os três, depois, deixam a casinha da cidade-auxiliar e vão apanhar uma condução para a cidade.

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARLETE - MANHÃ

77. Focaliza-se Arlete, semi-nua na cama. Ao lado dela, de pé,

Gervásio termina de vestir-se. Os dois estão em silêncio. Arlete, a cabeça recostada na grade da cama, é a imagem da frustração e do remorso. Gervásio, terminando de vestir o paletó, diz à ex-funcionária:

GERVÁSIO - Hoje mesmo falo com o Margarino. Vamos ver como fica sua situação...

Arlete vira os olhos na direção do sub-chefe. Depois, consciente da humilhação de sua entrega, responde, cética:

ARLETE - Deixa pra lá... Isto não leva a nada, Gervásio. O Margarino vai dizer que é difícil, muito difícil... Depois me entrega o número de seu telefone...

EXTERIOR E INTERIOR - HOTEL REAL - MANHÃ

78. O ex-deputado Alípio Antunes chega diante de um hotel modesto de Incália. Carrega várias malas, que um empregado, com má vontade, leva para dentro. Dirige-se à recepção e diz ao encarregado:

ALÍPIO - Sou o doutor Alípio Antunes. Fiz uma reserva.

O recepcionista consulta uma lista. Depois diz:

RECEPCIONISTA - Deixa ver... Ahn, Alípio... Alípio Antunes... Aquí está: é o quarto 503, no quinto andar. Pode subir.

Alípio apanha a chave e depois entra no elevador.

EXTERIOR - "CAMPUS" DA UNIVERSIDADE - MANHÃ

79. Aumenta o tumulto diante da Reitoria da Universidade Nacional. Dezenas de estudantes vêm juntar-se aos grupos que, no local, continuam a vaia estrepitosamente a Congregação, acuada no interior

do prédio, sem poder sair. No meio do vozerio, pode-se ouvir a voz de Arnaldo, que berra:

ARNALDO - Vamos cercar a Reitoria! Ninguém sai do edifício!

Abrindo alas no meio da massa humana em alvoroço, câmara vai enquadrar, no adro da Reitoria, um oficial do contingente policial, que ordena a um sargento:

OFICIAL - Sargento! Telefona pro quartel e pede reforço! Diga que a situação oferece perigo!

O sargento se afasta, correndo.

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARLETE - MANHÃ

80. Arlete acaba de banhar-se. Vai ao quarto, onde veste uma roupa caseira. Depois chega à sala, tomba no sofá, prostrada pela depressão moral.

Pouco depois chega Rosália, que se aproxima da amiga e indaga:

ROSÁLIA - Ele veio, não é?...

ARLETE - É um sujo! Conseguiu o que queria... Também eu sou uma cretina!

Rosália, apiedada, aproxima-se mais da amiga, toma-lhe a mão e diz, carinhosamente:

ROSÁLIA - Não se culpe, Arlete... Você está lutando pra sobreviver...

Arlete, sem fixar a amiga, responde, enigmática:

ARLETE - Viver, ou sobreviver... Assim não vai,

Rosália! O que faço é conspurcar a vida!

ROSÁLIA - Pois largue esta vida, esta gente sordida, Arlete! Procure outro emprego, que não dependa de políticos, desta corja sem escrúpulos!

EXTERIOR E INTERIOR - HOSPITAL REGIONAL - MANHÃ

81. Matucho, carregando o filho, acompanhado por Josefina, chega ao Hospital Regional de Incália. É um edifício de arquitetura arrojada, não inteiramente acabado.

A família, meio assustada com o grande movimento, dirige-se ao Ambulatório, numa entrada lateral do prédio.

No vasto saguão transitam dezenas de pessoas, doentes, médicos internos, enfermeiras, atendentes, funcionários uniformizados. Matucho e a mulher estacam, confusos, no meio da sala. Depois o operário chama uma enfermeira escura, que vai passando:

MATUCHO - Psiu!... A senhora podia me informar...

ENFERMEIRA - Se é consulta, o senhor pode apanhar a ficha naquele guichê e depois espere ser chamado.

Dizendo isto, a enfermeira se afasta, apressada. Matucho passa o filho à mulher e vai apanhar a ficha. Depois os três vão sentar-se num banco de mármore, diante de uma porta onde se lê: PEDIATRIA.

INTERIOR - HOTEL REAL - MANHÃ

82. Alípio Antunes, sentado no leito do quarto modesto do hotel, fala ao telefone:

ALÍPIO (ao telefone): Preciso falar com você, Regina... Af no banco não. Sim, hoje mesmo. As coisas vão mal, muito mal! Podíamos almoçar juntos. (ESPERA). Sim, está bem... Te encontro na esquina do banco, às 12. Até logo, Regina.

Desliga o telefone, levanta-se, esvazia as malas, colocando os ternos e as camisas no guarda-roupa. Depois aproxima-se da janela, por onde contempla a cidade. Na rua, diante do hotel, passa uma ambulância, cuja sirene soa estridentemente. Por elipse, o veículo e, principalmente, o som forte que emite nos transportam, de novo, ao Hospital Regional.

INTERIOR - HOSPITAL REGIONAL - MANHÃ

83. Matucho, Josefina e Miguelzinho ainda esperam a vez, diante do consultório de Pediatria. Logo depois o número da ficha do operário é gritado por um enfermeira gorda, que os leva ao médico de plantão.

É um homem grisalho, quase calvo, o rosto marcado pela bexiga, trajando uniforme branco. Vai logo dizendo, maquinalmente, quando os vê entrar:

MÉDICO - Coloque o menino naquela mesa, e tire a roupa dele.

Josefina carrega Miguelzinho e começa a despí-lo, enquanto Matucho, intimidado, vai sentar-se num canto, observando. O médico escreve qualquer coisa numa folha. Depois vai examinar o menino, perguntando à mãe:

MÉDICO - O que é que ele sente?

JOSEFINA - Tosse muito, doutor, está fraquinho, tem febre...

84. P.P. do médico que examina a garganta do menino, que se deixa auscultar com muito medo. Depois ouve as costas, o pulmão. E recomenda à mãe:

MÉDICO - Pode vestir o menino.

85. Volta à mesa, apanha o bloco de receitas e indaga:

MÉDICO - Nome e idade da criança.

JOSEFINA - Miguel dos Reis, 8 anos, doutor.

Josefina, em seguida, termina de vestir o filho e, com ele, vai sentar-se diante do médico que preenche a receita.

Matucho aproxima-se da mesa e fica esperando.

O médico termina de escrever, estende a receita ao operário e lhe diz:

MÉDICO - A criança está com anemia e uma infecção nos brônquios. Receitei um fortificante, um antibiótico, algumas injeções. Deve ficar de absoluto repouso e precisa receber um regime de superalimentação durante três meses.

Matucho, intimidado, arrisca um comentário:

MATUCHO - Isto é caro, doutor?... Será que o menino não podia ficar internado no Hospital?...

MÉDICO - Não há vaga. Mas você não é do Instituto?

MATUCHO - Não sou mais. Pararam a obra, doutor. Estou sem emprego...

O médico fica alguns segundos meditando. Depois sugere, quando percebe a chegada da enfermeira, que lhe faz sinais de que há muita gente esperando:

MÉDICO - Quem sabe o Grupo de Assistência Social...

MATUCHO - Não adianta nada, doutor! Um colega foi lá... Não tem verba!

86. P.M. do consultório, focalizando o médico e a família humilde. O médico, levantando-se, dá a entender que a consulta terminou, e diz:

MÉDICO - Bem, meu caro, cumpri com meu dever. O senhor encontrará uma saída. Mas cuide da criança, que não está bem de saúde. Repouso, muita alimentação, não se esqueça! Agora, com licença, que há muita gente esperando...

Matucho agradece e depois sai, enquanto o médico, contristado, comenta para a enfermeira, em voz baixa:

MÉDICO - É isto o dia inteiro!... Eu devia é estudar Engenharia, como meu pai desejava!...

EXTERIOR - "CAMPUS" DA UNIVERSIDADE - DIA

87. Tremenda balbúrdia explode na área da Reitoria. Os estudantes, tentando invadir o prédio, são repelidos com bombas de gás lacrimogêneo. Os policiais avançam e baixam o "casse-tête" na rapaziada, que recua, correndo, e replica com pedras e até com livros.

Chegam outros carros da Rádio-Patrolha e novos contingentes da Polícia. Os estudantes correm em todas as direções, fugindo da violenta repressão, enquanto muitos são agarrados e jogados em veículos.

Entre os presos se vê Arlando Frias, enquanto Helena consegue fugir. A praça fica vazia. Os carros se afastam, levando os presos, soando as sirenes.

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARLETE - DIA

88. Arlete continua no mesmo assento, enquanto Rosália prepara o almoço na cozinha.

Pelo rádio ouvem-se as notícias do locutor:

LOCUTOR (pelo rádio): "Graves incidentes ocorreram na Universidade Nacional, onde centenas de estudantes, enferecidos com a expulsão de seus líderes, tentaram invadir e depredar a Reitoria".

Rosália, ouvindo o noticiário, vem da cozinha com uma frigi-

deira na mão, e fica escutando, enquanto Arlete não demonstra qualquer interesse:

LOCUTOR (off): "Os estudantes foram repelidos pela Polícia, que usou gás lacrimogêneo e efetuou numerosas prisões. A Congregação, que esteve acuada no interior da Reitoria, pôde, finalmente, deixar o prédio. Segundo informações da última hora, o presidente Jonas Prado convocou reunião do Ministério, devendo o Ministro do Ensino apresentar relatório da situação estudantil em todo o país".

EXTERIOR - RUA COMERCIAL DE INCÁLIA - DIA

89. Matucho, carregando Miguelzinho, e Josefina caminham por rua central de Incália.

Josefina segura um pacote com os remédios que comprara na drogeria, vista nos fundos. Os dois, com o menino no colo, caminham pela calçada, seguidos pela câmera, montada em carrinho.

Depois chegam ao Supermercado. Matucho e a mulher param diante da casa e, durante alguns minutos, ficam observando as mercadorias expostas com os preços. Depois, acabrunhado, o operário comenta:

MATUCHO - Nem adianta olhar, mulher! O dinheiro só dá pra comprar carne seca e farinha...

Em seguida, desalentados, recomeçam a andar.

Em sentido contrário vem vindo, apressado, o ex-deputado Alípio Antunes.

Câmera deixa a família de operários e segue, em panorâmica, o ex-parlamentar que, logo adiante, pára diante do Banco de Ameríndia.

Regina, funcionária do banco, aproxima-se dele. Os dois se falam qualquer coisa e, em seguida, se afastam pela calçada movimentada.

90. Câmera, em "travelling", acompanha a caminhada de Alípio

e sua amante, mulher de meia-idade, de beleza aprazível.

Regina escuta falar o ex-deputado:

ALÍPIO - A bancada se acovardou, Regina! Perdi o mandado de segurança no Supremo. Acho que não vale a pena recorrer ao Tribunal de Haia...

REGINA - E o que você pensa fazer agora, Alípio?...

ALÍPIO - Ficar por aqui mais algum tempo. Não posso voltar agora, Regina! Seria a suprema derrota, a humilhação...

Caminham alguns metros, em silêncio. Depois Regina pergunta:

REGINA - E sua família?...

ALÍPIO - Você sabe que minha vida com Clarinda é impossível, sem solução. Outro dia ela telefonou, falando em desquite. Aceitou a idéia, depois de recusar tanto tempo...

Dizendo isto, Alípio pára de caminhar e, tomando as mãos da companheira, indaga, com repentina decisão:

ALÍPIO - Preciso muito de você, Regina! Quero que venha morar comigo! Alugamos um apartamento, arranjo um emprego, começamos vida nova!...

Câmera aproxima-se dos dois, fixando-os em P.P.

Regina, meio assustada, pergunta:

REGINA - Mas, Alípio, nesta situação?! Não vejo como, homem, você sem o mandato, nesta crise...

Alípio não recebe bem a réplica de Regina. Fica alguns

segundos em silêncio, curtindo a decepção. Depois exclama:

ALÍPIO - Engraçado, confesso que já esperava esta reação...

REGINA - O que você está querendo dizer com isto?!

ALÍPIO - Nada, nada. Vamos esquecer, Regina.

Regina, inseperadamente, toma uma decisão e diz, nervosamente:

REGINA - Acho melhor a gente esquecer mesmo tudo, Alípio! É melhor acabar logo com nosso caso, que não leva a nada!...

Alípio, tomado pela surpresa, perplexo, não sabe o que dizer. Depois retoma a lucidez e, encerrando a conversa, definitivo, responde com amargura:

ALÍPIO - Pois então está encerrado, Regina! Desejo felicidades a você.

O ex-deputado se afasta, rapidamente, enquanto Regina, também surpreendida pela reação do companheiro, fica alguns instantes no mesmo lugar, observando-o distanciar-se, melancólica. Depois, por sua vez, também se afasta na via pública.

91. Câmera, do alto, enquadra a rua comercial em P.G., centralizando no quadro o ex-deputado e Regina, afastando-se em sentido contrário e, mais além, perdendo-se na multidão.

---

SEQUÊNCIA IX

EXTERIOR - RUA DE RADIOSA - NOITE

92. A objetiva agora focaliza a rua do conjunto residencial de Ra-

diosa, praticamente deserta. São nove horas da noite. Do fundo vem vindo um casal de namorados, conversando, projetando sombras nas casas padronizadas.

Câmera, em "travelling", avança pela rua e se aproxima da casa de Matucho, mostrando o operário e seu velho amigo Zito, conversando:

MATUCHO - Parece um pesadelo, Zito! Depois desses anos todos, quando eu já conseguia juntar um dinheirinho, vem a degola e a gente fica vagando pelas ruas, sem emprego, o dinheiro sumindo!...

ZITO - É a mania de perseguição do Jonas! É um doido varrido!...

MATUCHO - Você já imaginou se eu tiver que voltar ao Orenoco, pr'aquela miséria?!...

ZITO - Confie em Deus, Matucho, você ainda vai se arranjar por aqui mesmo! Deus é grande!...

MATUCHO - Me arranjar como, homem?! Não há emprego, o Jonas pára tudo, os operários tão por aí, correndo de um lado para outro! Já me mandaram não sei pra quantos lugares, num putto jogo de empurra! Dá vontade de meter a peixeira nessa gente!

ZITO - Dá mesmo, Matucho!

93. P.P. dos dois operários, dialogando:

MATUCHO - O pior é o Miguelzinho, doente, ardendo de febre, e o médico mandando dar superalimentação... O dinheiro mal dá pro feijão!...

ZITO - Olha, Matucho, se você precisar, posso ajudar um pouquinho...

MATUCHO - Obrigado, Zito, deixa prá lá! Amanhã

cedo dou um jeito na coisa! Vou ao Ministério e arrebento tudo se não me derem trabalho!

INTERIOR - PRISÃO CENTRAL - NOITE

94. Um grupo de estudantes, presos durante os incidentes no "campus", encontra-se na cela da prisão central de Incália. Entre eles estão alguns dos alunos expulsos: Arnaldo Frias, Flávio Henrique, Gustavo Farias e outros.

Arnaldo, calado, está um pouco afastado do grupo maior, onde Flávio Henrique, no centro, é alvo das atenções, dizendo aos colegas:

FLÁVIO HENRIQUE - Estamos nas manchetes dos jornais de todo o país! Agora o Jonas se desmoraliza de uma vez!

GUSTAVO - O homem entrou num processo de megalomania do mandonismo! Está frenético!

FLÁVIO HENRIQUE - Mostrou sua exata dimensão neurótica, enredado nos próprios escândalos...

Outro estudante, Madeira, deixa seu lugar e se aproxima do grupo, dizendo:

MADEIRA - No fundo o Jonas sofre a solidão do poder, dominado por complexos: a autoridade que precisa se afirmar, mesmo que gere o despotismo, a satisfação com o mando pessoal...

Enquanto Madeira vai falando, câmara se aproxima de Arnaldo que, de seu canto, ouve a conversa, discretamente. Depois o próprio Arnaldo se ergue e vai juntar-se ao grupo, dizendo, em tom de voz rancorosa:

ARNALDO - Em vez de traçar o retrato psicanalítico do Jonas, vocês deviam é pensar num plano para

tirar o maluco do poder, o mais depressa possível!

95. P.P. de Flávio Henrique que comenta, irônico:

FLÁVIO HENRIQUE - Uai, Arnaldo, você agora está virando golpista?...

96. P.P. de Arnaldo Frias que, irritado, retruca:

ARNALDO - Não sou golpista, e você sabe! ~~isso.~~  
Sou é um revolucionário, e para o revolucionário o que conta é a ação!

97. P.A. do grupo, favorecendo o Madeira, que comenta:

MADEIRA - Sim, mas ninguém age na cadeia!

GUSTAVO - Depois, é preciso cautela para que nada sirva de pretexto para a ditadura!

ARNALDO - Ditadura também se derruba! Ora, meus caros, vamos deixar de ingenuidade e tratar de conspirar também! Todo o mundo está conspirando neste país! Até o Jonas conspira, e acho que conspira contra si mesmo!

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARLETE - NOITE

98. Enquadra-se o vídeo de um aparelho de televisão, no qual aparece, em "close", o rosto do presidente Jonas Prado. Câmera recua, revelando a sala do apartamento de Arlete Murtinho, que está sentada no sofá.

Jonas dirige-se à nação, em pronunciamento que esclarece os últimos acontecimentos:

JONAS PRADO (pela televisão): "Presto esclarecimentos não só aos milhões de eleitores que me

levaram à Presidência de Ameríndia, como também àqueles que, embora se oponham ao meu Governo, merecem meu empenho de pacificação nacional".

Arlete, inesperadamente, levanta-se da poltrona e vai desligar a televisão, exclamando para Rosália, que está na cozinha:

ARLETE - Não aguento mais a demagogia deste homem! Preciso de higiene mental!

INTERIOR - SAGUÃO DO HOTEL REAL - NOITE

99. Câmera focaliza, em P.P., o vídeo de outro aparelho de televisão, ligado no saguão do Hotel Real. Depois recua e revela o local, com hóspedes, porteiros e empregados ouvindo o Presidente da República.

Entre os hóspedes, o ex-deputado Alípio Antunes é dos mais atentos às palavras que Jonas continua a proferir, pela TV:

JONAS PRADO (pela televisão): "Os últimos acontecimentos comprovam, de forma inequívoca, a necessidade desta pacificação, da integração do povo em torno de uma ideologia nova, depurada dos vícios acumulados em décadas de corrupção e condescendência nacional".

De repente, também incapaz de continuar ouvindo o demagogo, Alípio se levanta e, com passos largos, deixa o recinto, ganhando o exterior.

EXTERIOR - RUA DIANTE DO HOTEL - NOITE

100. Alípio Antunes caminha na rua fronteira ao Hotel Real. O som da voz do presidente se distancia, confundida com o ruído do tráfego.

SOM - Ruídos de carros passando, restos imperceptíveis da fala presidencial.

O ex-deputado se afasta na noite fria, desaparecendo entre os transeuntes.

INTERIOR - PALÁCIO RESIDENCIAL - NOITE

101. Na sala da biblioteca do Palácio Residencial vêem-se Jonas Prado, José Margarino, Rabelo Cruz, o Secretário de Imprensa e outras pessoas.

O grupo, em poltronas, está atento à fala presidencial, transmitida em "video-tape". Jonas continua, pela televisão:

JONAS PRADO (pela televisão): "Meus atos têm a coerência dos primeiros anos de minha vida pública..."

Inesperadamente, o próprio Jonas, ao vivo, se levanta da poltrona e, elevando a voz sobre a que é retransmitida pela Tv, exclama:

JONAS PRADO - Sei de cor, senhores, o que este cidadão vai falar! E devo confessar que, às suas palavras, prefiro as proezas do Randolph Scott na vastidão do Oeste americano. Há um faroeste de primeira, no cineminha. Quero assisti-lo. Boa noite, senhores!

Dizendo isto, o presidente se afasta, seguido pelo José Margarino, que o alcança mais adiante.

Jonas se volta para o Secretário-Particular e completa:

JONAS PRADO - Não, Margarino, não precisa acompanhar-me. Você deve ouvir também o presidente. Talvez sua fala lhe interesse mais do que o "bang-bang" do Randolph...

---

SEQUÊNCIA X

EXTERIOR - MINISTÉRIO DA MÃO-DE-OBRA - MANHÃ

102. Um carro oficial, conduzindo o Ministro da Mão-de-Obra, doutor Jerônimo de Andrade, chega ao pátio de entrada do Ministério.

Diversas pessoas, principalmente funcionários e porteiros, precipitam-se para receber o Ministro de Estado.

É quando surge, subitamente, o pedreiro Matucho, que já aguardava, há certo tempo, a chegada da alta autoridade.

A porta do veículo se abre e surge o dr. Jerônimo, homem corpulento, quase careca, de óculos. Dele se acerca o Matucho, que começa a falar, muito nervoso:

MATUCHO - Com licença, doutor! Preciso muito falar com o senhor!...

O Ministro, surpreendido a princípio, dispõe-se a ouvir o operário, fazendo um sinal aos auxiliares para que não o afastem. E pergunta, com ar benevolente:

MINISTRO - Pois pode falar, meu caro. Do que se trata?

Matucho, aliviado, recupera um pouco a calma e começa a narrar, com precipitação:

MATUCHO - Sou o Manoel Silvino, Excelência, mas todos me chamam de Matucho. Vim do Orenoco, para trabalhar na construção da cidade. Trouxe a família, dei duro, consegui comprar uma casinha em Radosa...

MINISTRO - E qual é o seu trabalho?

MATUCHO - Sou pedreiro e estucador, "seu" Ministro, mas no Orenoco eu fugava a roça, que não dava nada, só miséria!

103. P.P. do Ministro e do operário. Doutor Jerônimo, com certa impaciência, interrompe:

MINISTRO - Pois não. Mas vamos ao assunto, que hoje tenho um dia cheio. Do que se trata?

Matucho se atrapalha um pouco com a impaciência do Ministro e, novamente, se descontrola, dizendo:

MATUCHO - O caso é que fiquei sem trabalho, doutor!... Pararam a obra, me puseram na rua, fui ao Instituto, já vim ao Ministério várias vezes, num jogo de empurra dos diabos, que não aguento mais! Meu filho está doente, não tenho dinheiro nem pra comprar remédio, vim ver se o senhor dá uma ajuda, "seu" Ministro!

O Ministro, cada vez mais impaciente, faz menção de partir, acrescentando:

MINISTRO - Não posso resolver seu caso aqui na rua, sem informações mais detalhadas...

104. P.M. do saguão do Ministério e da pequena multidão que se formou em volta do Ministro e do operário. Matucho, cada vez mais nervoso e exaltado, continua:

MATUCHO - Ninguém faz nada, doutor, só sabem dizer que "não é comigo", "procure a autoridade competente", "faça um requerimento", os capetas! Só sei que minha família começa a passar fome, meu filho tem febre alta, não sei mais a quem recorrer!...

O Ministro, muito aborrecido, começa a andar, a caminho do elevador privativo. Matucho o segue, bem como a corte de bajuladores e de guardas da segurança, atentos ao trabalhador.

Doutor Jerônimo, para encerrar a conversa desagradável, recomenda:

MINISTRO - Pois o senhor me faça uma carta, expondo o caso, que é para eu...

Matucho, exasperado, interrompe quase aos berros:

MATUCHO - Não vai adiantar nada! A carta vai ro-dar por aí, cheia de carimbos, e eu acabo morren-do de fome! O senhor tem de dar um jeito agora, doutor, pelo amor de Deus!

O Ministro, assustado com a explosão do operário, interrompe a caminhada e retruca, colérico:

MINISTRO - Não posso resolver sua situação desta forma, homem! Não tenho culpa de nada! O senhor vá se queixar ao Presidente da República, se quiser! Não é assim que os problemas são decididos! Há um procedimento legal para os casos!...

105. P.A. do Ministro, do operário e de alguns guardas e auxiliares, prontos para defender a alta-autoridade.

Matucho, fora de si, exaltadíssimo, volta a interpelar o Ministro, que se afasta, rápido, na direção do elevador:

MATUCHO - O senhor também está tirando o corpo fo-ra! É como os outros, não quer saber de nada!!! Mas isto não fica assim, seus malandros!!!

Dizendo isto o operário avança, brandindo a mão contra o Mi-nistro, com a visível intenção de agredí-lo. Acorrem diversos guardas e auxiliares, estabelecendo-se grande confusão.

Enquanto Matucho, fora de si, brada palavras desconexas, o Ministro, pálido, assustadíssimo, devidamente protegido, exclama, va-lente:

MINISTRO - Prendam este homem, vamos!!! É um

maluco!!! Levem este doido pra cadeia!!!

106. Câmera, fora do tripé, manejada livremente, percorre o local, documentando a terrível confusão formada pelo operário. Os policiais se precipitam e imobilizam o Matucho, que é arrastado, aos berros, para longe do Ministro, enquanto esbraveja como um possessor:

MATUCHO - São uns cachorros!!! Só sabem tapear os outros!!! Cachorrada, cachorrada!!!

Os policiais, baixando o pau no operário, que se defende como pode, aproximam-se de uma Rádio-Patrolha, estacionada no pátio.

107. No saguão térreo do Ministério, o doutor Jerônimo, nervosíssimo, está no centro de uma multidão de bajuladores que comentam o incidente e atacam duramente o operário. Depois o Ministro, recuperando a dignidade, entra no elevador, enquanto o grupo começa a dispersar-se.

108. Enquanto isso, mais adiante, Matucho é brutalmente jogado no interior do veículo policial, que arranca, soando a sirene estridente.

INTERIOR - GABINETE DO MINISTRO DA DEFESA - MANHÃ

109. Algumas quadras adiante, o ex-deputado Alípio Antunes chega ao gabinete do Ministro da Defesa, dirigindo-se a um oficial fardado:

ALÍPIO - Bom dia. Desejava falar ao Coronel Vasconcelos...

OFICIAL - O senhor tem audiência marcada?

ALÍPIO - Telefonei ontem à noite para o Coronel, meu amigo de infância. Disse para vir hoje cedo.

OFICIAL - O senhor então faça o obséquo de preencher esta ficha. O Coronel está em reunião com o Senhor Ministro, mas vou ver se consigo avisá-

lo de sua presença.

Alípio preenche o papel, que o oficial apanha e, com ele, se afasta na direção do gabinete. O ex-deputado vai esperar numa poltrona, apanhando uma revista na mesinha.

INTERIOR - PRISÃO CENTRAL - MANHÃ

110. Focaliza-se a porta de entrada da Prisão Central. Matucho, acompanhado pelos policiais que o prenderam no Ministério, chega à sala de entrada e é empurrado até a mesa do Comissário de plantão. Um dos policiais esclarece:

POLICIAL - Com licença, "seu" Comissário. Este aqui tentou agredir o Ministro da Mão-de-Obra!

O Comissário, espantado, pergunta:

COMISSÁRIO - O que?! Tentou agredir o Ministro?!...

POLICIAL - Tentou agredir, senhor Comissário! Deu vexame, desrespeitou a autoridade, soltou palavra, avançou contra o Ministro! Foi preso em flagrante!

Matucho, em cujo rosto se misturam medo, perplexidade e ódio, tenta esclarecer:

MATUCHO - Não quis agredir ninguém, "seu" Delegado! Só queria explicar meu caso, pedir...

O Comissário, zangadíssimo, corta a palavra do operário:

COMISSÁRIO - Cale esta boca! Ninguém pediu sua opinião!

Depois ordena a um auxiliar, impaciente:

107

COMISSÁRIO - Ô Xisto, leve este indivíduo pra solitária, e dê um corretivo nele!

O Xisto, policial a paisana, mal-encarado, avança alguns passos, agarra o Matucho pelo braço e o leva para dentro, enquanto o Comissário determina ao policial que trouxe preso o operário:

COMISSÁRIO - O senhor me faça um relatório do ocorrido.

111. Câmera, no interior da prisão, faz "travelling" para trás, acompanhando a caminhada do Matucho e do policial que, de vez em quando, dá uns safanões no pobre diabo.

Mais adiante os dois cruzam com o grupo de estudantes, encabeçados pelo Arnaldo Frias, libertados naquele instante da prisão, e que se dirigem para a saída.

112. Câmera focaliza, de novo, a sala de entrada. Uma porta dos fundos se abre, dando passagem aos estudantes.

No meio deles, Arnaldo Frias tem um sobressalto quando avista, no saguão, o próprio pai, um senhor de cabelos brancos, alto, magro, a expressão severa e cansada.

Arnaldo, surpreso, vai ao seu encontro, toma-lhe a bênção e exclama:

ARNALDO - Papai, o senhor por aqui?!...

113. P.P. de Arnaldo e do pai, que responde, muito aborrecido:

PAI DE ARNALDO - Sua tia Graciema me avisou. Vamos embora daqui. A prisão foi relaxada, pela interferência de amigos!

INTERIOR - APARTAMENTO DO SENADOR - MANHÃ

114. Câmera enquadra, em P.P., Arlete Murtinho, de perfil, parada

diante da porta de um apartamento no Setor Ocidental.

A porta se abre, surgindo a figura austera do Senador Campelo, vestindo um "robe-de-chambre" azul, com bolinhas brancas.

O Senador, os cabelos visivelmente pintados de preto, elegante, espevitado, bem barbeado e exalando um cheiro forte de água de Colônia, recebe com efusão sua protegida e amante esporádica, dizendo:

SENADOR CAMPELO - Salve, Arlete! Que prazer! Mas, entre, minha flor!

ARLETE - Obrigada, Senador. Como está passando?

115. Deslocada agora para o interior do apartamento, a objetiva focaliza a porta de entrada, pela qual a ex-funcionária penetra na vasta sala-de-visita do Senador que, eufórico com a chegada da moça, enlaça-a pela cintura e, conduzindo-a ao sofá, vai dizendo:

SENADOR CAMPELO - Estava morrendo de saudade!... Há quanto tempo não nos vemos, lindeza?...

ARLETE - Desde aquela apresentação ao doutor José Margarino...

Os dois sentam-se no sofá, enquanto o Senador comenta:

SENADOR CAMPELO - É isto mesmo. E como foi a coisa com o Margarino?

Câmera, no carrinho, aproxima-se dos dois, até enquadrá-los em P.P.

Arlete responde:

ARLETE - Não vai bem, Senador. Ainda não consegui falar com o homem... Está sempre em reunião!

SENADOR CAMPELO - O patife não te recebeu?! E você mandou dizer que tinha carta minha?!

ARLETE - Mandei. O doutor Gervásio ficou de falar com ele, e até hoje nada!...

SENADOR CAMPELO - O Gervásio é um perfeito idiota! Você caiu na conversa daquela besta?!

ARLETE - Ele andou batendo as asinhas pro meu lado, mas percebi logo, não sou ingênua...

SENADOR CAMPELO - Eu sabia, eu sabia! O homem é um tarado! Dizem até que arranja mulher pro Margarino...

Dizendo isto, o Senador se acerca mais de Arlete, envolve-a com os braços e lhe fala, insinuante, eriçado pelo desejo:

SENADOR CAMPELO - Deixa estar, meu bem, que eu vou falar ainda hoje com o Margarino, isto não fica assim! Te prometo, meu anjo! Agora vamos esquecer esta gente, que é um sonho ter você aqui a meu lado, tão bonita, tão gostosinha!...

O Senador atraca impetuosamente a moça e a beija na boca, afogueado.

INTERIOR - GABINETE DO MINISTRO - MANHÃ

116. Alípio Antunes continua esperando a vez de falar ao Coronel Vasconcelos, na ante-sala do Ministro da Defesa.

Quando a objetiva volta a fixá-lo, o oficial, que o atendera antes, está retornando à sala. Caminha na direção do ex-deputado, que se levanta, e explica:

OFICIAL - O Coronel Vasconcelos pede desculpas, doutor Alípio, mas é totalmente impossível recebê-lo agora. Está em reunião e durante todo o dia terá compromissos inadiáveis. Pede para o senhor telefonar amanhã...

Alípio, desapontado, nada pode fazer, e se despede:

ALÍPIO - Não tem dúvida, Capitão. Telefonarei.  
Obrigado pela gentileza. Bom dia.

OFICIAL - Bom dia, doutor.

EXTERIOR - AVENIDA DE INCÁLIA - MANHÃ

117. Arnaldo Frias e o pai caminham por uma larga avenida da Capital.

Câmera, em "travelling", segue os dois e registra seu diálogo:

ARNALDO - Mas, papai, é a contingência da vida de estudante...

PAI - Contingência coisa nenhuma, rapaz! É vagabundagem, é anarquia, falta de respeito! Você está vendo agora a consequência de seu desatino! Foi expulso da Faculdade, acabou na cadeia!

ARNALDO - Não me envergonho disto, papai! É motivo de orgulho ser perseguido por um Governo como esse! A Nação inteira é vítima desse irresponsável!

PAI - Pode ser vítima, mas não está na cadeia, e trabalha em paz! Quem sofre as consequências de tudo isto é você mesmo, somos nós, seus pais! Vamos ter de aguentar a vergonha de seus atos!

ARNALDO - Não diga isto, papai! Nunca pretendi envergonhar ninguém, muito menos a família! Só quis ser coerente, honesto comigo mesmo!

Os dois interrompem a caminhada, quando o velho, mais exaltado, comenta:

PAI - Aí está o resultado dessa coerência incoe-

rente! Você perdeu o ano, foi expulso da escola, jogado numa prisão imunda! Há coerência nisto tudo?!

ARNALDO - Há sim, papai! Há a coerência de quem luta contra esse arremedo de ditadura!

PAI - Sua obrigação não é lutar contra políticos, rapaz! É estudar, ter uma profissão, ser útil à Pátria!

ARNALDO - Há muitas maneiras de ser útil à Pátria, há outras formas de luta, papai!

118. Os dois recomeçam a andar na espaçosa calçada da avenida. Câmera segue-os agora em "travelling"-lateral, enquanto continuam o exaltado diálogo:

PAI - Que luta coisa nenhuma! Vocês só sabem gritar, fazer greve, pixar muro e xingar, mais nada! Olha aqui, Arnaldo, não adianta continuar esta discussão! Tomamos uma decisão, sua mãe e eu: você volta para casa, vai trabalhar na fábrica!

ARNALDO - Pelo amor de Deus, papai! Não posso deixar a Capital agora! É impossível!

PAI - Não pode por que, homem?! Você não tem nada o que fazer aqui, foi expulso, está desmoralizado, não tem mais chance de fazer carreira e nem conseguir emprego!...

ARNALDO - Não vou ser derrotado, papai! A classe universitária vai reggir, estudante não é vaca de presépio, não se deixa intimidar! Já traçamos...

*lv*  
O velho, num repente de cólera, interrompe novamente a caminhada e corta a frase do filho pelo meio, dizendo, peremptório:

PAI - Pois você ou volta para casa, ou fica sem

a mesada! Decida-se, de uma vez por todas!

INTERIOR - CASA DE MATUCHO - MANHÃ

119. No quarto de dormir da casa de Matucho, uma benzedeira, trazida por Josefina, faz estranhos exorcismos na cama onde jaz Miguelzinho, que arde em febre e geme sem parar.

A benzedeira, uma negra magérrima, vestida extravagantemente, segura um osso, um terço e uma estatueta de Exú, com os quais vai dizendo rezas onde se misturam palavras sem sentido.

Josefina, num canto, calada, meio apavorada, presencia o estranho ritual afro-tropicalense.

---

SEQUÊNCIA XI

EXTERIORES - FLAGRANTES DE INCÁLIA - MANHÃ

120. A Capital de Ameríndia amanhece num domingo de sol forte e luminoso. É um dia quente, apesar do inverno. Seus moradores vivem a rotina do domingo de missa, passeios, manhãs em clubes, piscina, futebol, almoço-ajantarado, cerveja e a boa sesta de barriga cheia.

Câmera, em "flashes" rápidos, destaca aspectos expressivos da nova jornada domingueira de Incália, e durante a qual vão sendo revelados novos flagrantes da vida atribulada de nossos quatro personagens e de seu algoz, o Presidente da República.

EXTERIOR - LAGO DE INCÁLIA - MANHÃ

121. Acompanhado de amigos e convidados, entre os quais se vêem moças e senhoras, Jonas Prado deixa o Palácio Residencial e vai, como faz habitualmente aos domingos, fazer um passeio pelo grande lago de Incália.

O Presidente veste-se esportivamente: calça branca, de linho, camisa azul-claro, "blazer" com botões dourados e, como complemento, um elegante chapéu de homem do mar. O grupo heterogêneo embarca na lancha presidencial, nos fundos do Palácio. A embarcação arranca e se afasta no grande lago artificial.

EXTERIOR - CLUBE NÁUTICO - MANHÃ

122. Circulando entre banhistas, frequentadores do Clube Náutico de Incália, câmara vai mostrar, à beira da piscina, um grupo no qual se destacam Arlete e Rosália, além de ex-colegas do Ministério das Finanças.

Arlete parece descontraída e disfarça a tensão dos últimos dias. Conversa animadamente e, vez e outra, vai dar um mergulho na piscina.

Em certo momento, apontando para o lago, Rosália avisa:

ROSÁLIA - O Jonas saiu para o passeio de lan-  
cha!...

O grupo se volta para observar a embarcação que desliza no meio do lago. Arlete aproveita para soltar um comentário sarcástico:

ARLETE - O homem está sempre na água...

Explodem risadas. Arlete aproveita a deixa para outro mergulho, dizendo, enquanto se afasta:

ARLETE - Vou também cair n'água, que a temperatura está uma delícia!

EXTERIOR - PRÉDIO DE APARTAMENTO - MANHÃ

123. O carro guiado por Arnaldo Frias estaciona diante do prédio de apartamentos onde reside Helena. O estudante deixa o automóvel e, antes de entrar no edifício, enxerga, no "play-ground", a babá da família da namorada. Vai ao seu encontro e pergunta:

ARNALDO - Ô Lea, sabe dizer se a Helena está em casa?

A empregada fica meio confusa, hesitante. Depois, finalmente, responde:

BABÁ - Não sei não, "seu" Arnaldo... Acho que ela saiu...

Arnaldo chega mais perto da babá e insiste, carinhosamente:

ARNALDO - Ora, Lea, não pregue mentira!... Somos velhos amigos... Vamos, diz onde está a Helena...

BABÁ - Bem, "seu" Arnaldo, eles mandaram dizer...

ARNALDO - Eles quem, Lea? Os pais, a própria Helena?...

BABÁ - Helena também...

ARNALDO - E pra onde que ela foi, Lea?

BABÁ - Olha, "seu" Arnaldo, não diga pra ela que eu disse, senão me passa um pito! Acho que dona Helena foi nadar num clube... Saiu cedinho.

ARNALDO - Está bem, Lea, obrigado pela informação. Fique tranquila que nada direi. Até logo.

Arnaldo volta ao automóvel, liga o motor e se afasta velozmente.

INTERIOR - APARTAMENTO DO CORONEL - MANHÃ

124. O ex-deputado Alípio Antunes encontra-se em visita ao apartamento do Coronel Vasconcelos, com quem conversa num canto da sala.

O coronel, vestido à paisana, de calça e blusão, fuma cachimbo. Alípio serve-se de uísque. O militar fala, ouvido com grande interesse pelo ex-parlamentar:

CORONEL - Infelizmente nada posso fazer, Alípio. O General não pretende interferir em assuntos políticos. É uma norma, você compreende...

ALÍPIO - Mas, Vasconcelos, não se trata de problema político. O Jonas ultrapassou todas as medidas,

age arbitrariamente, como um ditador, provoca crescente inquietação nacional!... É também um problema de segurança!...

O militar dá umas baforadas, meditando. Depois continua:

CORONEL - Sabemos disto, Alípio. As Forças Armadas acompanham atentamente o desenrolar dos acontecimentos, esteja certo disto!

Novo silêncio. Alípio, ligeiramente mais animado, bebe mais um gole de uísque, enquanto o militar, aproximando o rosto do interlocutor, confidencia:

CORONEL - Olha, Alípio, vou revelar a você um detalhe sigiloso. Peço sua discrição absoluta!

ALÍPIO - Pode ficar tranquilo, Vasconcelos!

CORONEL - Os militares estão muito inquietos, muito preocupados com o rumo que o Governo está tomando! O dispositivo do Presidente começa a claudicar, já não conta com o apoio irrestrito das altas patentes. O desfecho de tudo isto ainda é incerto, imprevisível...

Alípio, em cuja expressão pousou um brilho de esperança, responde ao amigo, emocionado:

ALÍPIO - Isto que você me diz, Vasconcelos, é realmente muito importante e, em meu caso pessoal, de enorme significação! Você me deu esperanças inesperadas, um grande conforto moral!...

CORONEL - Conheço o drama que você atravessa, meu caro! Mas tudo o que lhe disse ainda pertence ao terreno da teoria, das indagações secretas. A ver-

102

dade é que o Jonas está na Presidência, com muito suporte político e popular. Recomendo cautela, pois há indícios de que pretende pedir a prisão preventiva de alguns políticos cassados, e tudo leva a crer que você é um deles!...

125. P.P. de Alípio que imobiliza o copo de uísque à altura da boca, ouvindo a informação inesperada e ameaçadora. Empalidece e, durante alguns segundos, medita aflitivamente. Depois comenta:

ALÍPIO - Você me deu uma informação preciosíssima, Vasconcelos! Fico-lhe muito grato por isto!

126. P.A. dos dois, favorecendo o militar que responde:

CORONEL - Não tem nada a agradecer. Somos amigos de infância, e amizade, para mim, eu preservo em qualquer circunstância. Recomendo todo o cuidado. Talvez fosse melhor você deixar a cidade...

ALÍPIO - Também acho, Vasconcelos. Vou providenciar hoje mesmo! Gratíssimo por tudo, Vasconcelos!

Os dois se levantam e caminham na direção da porta, onde o militar completa:

CORONEL - Como você, também não dedico nenhuma simpatia pelo Jonas! É um farsante, uma personalidade ambígua, resvaladiça... Adeus, Alípio, e muitas felicidades!

ALÍPIO - Até breve, Vasconcelos. Muito obrigado, mais uma vez! Acho que nos veremos em ocasião melhor, tenho confiança!

O ex-deputado se afasta, enquanto a porta se fecha atrás de si.

INTERIOR - CASA DE MATUCHO - MANHÃ

127. Câmera penetra vagarosamente no interior da casa de Matucho. Reina um completo silêncio. Percorre a sala, vai à cozinha, depois se aproxima, lentamente, do quarto de dormir.

A janela, entreaberta, deixa entrar uma réstea de sol. Num canto, em seu catre, respirando com dificuldade, o filho do casal está encharcado de suor, muito pálido.

Miguelzinho respira ofegantemente, em golfadas, cada vez com mais dificuldade. Vem de fora o som de um sino de igreja.

SOM - Sino de igreja anuncia o fim da missa de domingo.

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA - MANHÃ

128. A objetiva focaliza a torre da igreja de Radiosa. Depois, pela lente "Zoom", recua e desce até enquadrar a porta principal do templo. Estão saindo diversas pessoas.

Josefina, mulher do Matucho, também deixa a igreja, o chale à cabeça, e ganha o caminho de casa.

SOM - Sino, multidão que conversa, gritos de crianças que brincam.

EXTERIOR - LANCHIA PRESIDENCIAL - MANHÃ

129. Enquadra-se a quina da popa da lancha presidencial. A embarcação arremete velozmente para a frente, cortando as águas da lagoa.

Depois câmara recua e vai focalizar Jonas Prado que, no centro de uma roda, bebe uísque e solta gostosas gargalhadas, enquanto um toca-disco transmite melodia de sucesso.

SOM - Risos, música de suces-

so, ruído do motor da lancha, em alta velocidade.

EXTERIOR - CARRO DE ARNALDO - MANHÃ

130. O carro de Arnaldo Frias atravessa em grande velocidade o campo visual. Câmera segue-o, em panorâmica.

O automóvel rola pela estrada asfaltada que conduz ao Iate Clube de Incália.

Ao volante, sombrio, Arnaldo medita, enquanto o rádio do carro deixa ouvir uma música alegre e ritmada.

SOM - Ruído do motor e, em primeiro-plano sonoro, música alegre.

EXTERIOR - HOTEL REAL - MANHÃ

131. Outro carro, agora guiado pelo ex-deputado Alípio Antunes, chega diante do Hotel Real e estaciona.

Alípio desce e entra apressadamente no prédio.

EXTERIOR - CLUBE NÁUTICO - MANHÃ

132. Arlete Murtinho sobe à parte mais alta do trampolim da piscina do Clube Náutico.

Antes de <sup>se</sup>lançar do alto, pára alguns segundos, excitada, atraindo a atenção dos frequentadores. Depois, de um salto, joga-se no espaço e vai mergulhar na piscina, provocando aplausos dos amigos.

EXTERIOR - CASA DE MATUCHO - MANHÃ

133. Focaliza-se agora a rua fronteira à casa do Matucho, na cidade-auxiliar.

132  
Crianças correm nela, brincando com uma bola. Josefina está chegando à sua casa, vindo da igreja. Caminha apressadamente. Depois entra.

O ruído das crianças brincando aumenta de intensidade, en-

quanto a câmara, lenta e dramaticamente, se aproxima da casa do operário.

De repente ouvem-se, do interior da casa, gritos lancinantes de mulheres, confundidos com a balbúrdia do grupo de crianças na rua.

Logo depois, no entanto, surge a mulher do Matucho. Alucinada, soltando gritos dolorosos, Josefina faz cessar todos os ruídos:

JOSEFINA - Ele morreu!!! Miguelzinho está morto!!! Morreu, meu filho morreu!!!

EXTERIOR - LANCHAS PRESIDENCIAIS - MANHÃ

134. Partindo diretamente do rosto doloroso de Josefina para o primeiro-plano do Presidente da República, câmara acentua, dramaticamente, o contraste brutal de situações e de imagens.

Jonas, sentado no convés da embarcação, é a imagem da serenidade, da paz consigo mesmo.

Ao grito lancinante da mulher do Matucho, ouvido no plano anterior, sucede a voz ritmada e conselheiral do Presidente que, no meio da roda de amigos, pontifica, a voz forte:

JONAS PRADO - Viver, viver com intensidade, é o que importa, meus caros! Vida é fruição de instantes transitórios, de prazeres efêmeros! Com o pensamento, o homem analisa e deduz; com ação ele constrói; com sentimento apreende o inefável, impregna de amor cada instante tênue de emoção!...

INTERIOR - PRISÃO CENTRAL - MANHÃ

135. Câmera agora se transfere para o interior de uma cela da Prisão Central de Incália, indo focalizar Matucho num canto, curtindo sua desgraça.

Perto dele dois outros detidos conversam. Um deles é um mulato truculento, a cara de poucos amigos, a barba por fazer, sujo, os olhos

injetados de álcool. Chama-se Viriato e foi preso após furar um desfeto com muitos golpes de peixeira.

O Viriato, que cospe sem parar, está falando com voz fanhosa e gutural:

VIRIATO - Pra mim tanto faz viver, como morrer!  
Num tenho medo de nada! Vivi sempre na sujeira,  
nesta puta vida de miséria! Tanto faz o chi-  
queiro aqui, como lá fora!

EXTERIOR - IATE CLUBE - MANHÃ

136. A objetiva focaliza agora a área de estacionamento do Iate Clube de Incália, no exato instante em que o automóvel de Arnaldo Frias estaciona bruscamente.

O estudante desce o carro e percorre o clube, em busca de Helena.

Seguido pela câmara, vai a todos os recantos. Depois retorna, sem haver encontrado a namorada.

Irritado, de mau-humor, arremete o carro pela estrada, como um bólido, na direção de outro clube.

INTERIOR - QUARTO DO HOTEL REAL - MANHÃ

137. O ex-deputado Alípio Antunes, fumando nervosamente, está estendido na cama, no quarto modesto do hotel. Repentinamente soa a campainha do telefone, que ele agarra, aflito:

ALÍPIO - Alô! Sim, telefonista, pode completar a ligação, por favor!

Senta-se na cama, aguardando. Depois começa a falar:

ALÍPIO - Alô! Quem fala?... É a Martinha?... Como vai, filhinha?... Sim, é o papai... Olha, chame sua mãe, ouviu, queridinha?... Um beijo pra você...

Aguarda alguns segundos, impaciente. Depois fala:

ALÍPIO - Alô, é você, Clarinda?...

CLARINDA (voz off, pelo telefone) - Ah, Alípio, sou eu...

ALÍPIO - Como vai, Clarinda?

CLARINDA (voz off) - Tudo bem, e você?... Como vão as coisas?

ALÍPIO - Vão mal, Clarinda! Muito mal! Preciso voltar, uma ameaça pesa sobre mim, talvez viaje para aí ainda hoje...

CLARINDA (voz off) - Pode vir, Alípio, quando você quiser, mas para esta casa, não!

ALÍPIO - Não entendi bem, Clarinda... Não vou para minha casa?!... O que é isto?!...

CLARINDA (voz off) - Você sabe muito bem porque, Alípio, não se faça de inocente!... Esta casa foi abandonada por você, trocada por seu apartamento da Capital, pela política, por sua amante! Agora que seu mundo desmorona, você quer voltar?!... Não, meu caro, mudei muito, sou outra mulher, aprendi a viver! E foi você que ensinou!

ALÍPIO - Ora, Clarinda, tudo isto é uma tolice! Você faz literatura, pensa que está no teatro! Vou para aí, depois conversaremos melhor, com mais calma...

CLARINDA - É melhor não vir, Alípio! Você vai encontrar outro homem nesta casa!

*102*  
Alípio fica alguns segundos atônito, sem saber o que dizer. Depois, num gesto violento, joga o fone no gancho, levanta-se, perplexo, chocadíssimo, acende outro cigarro, com a mão trêmula, e vai espiar a cidade pela janela.

EXTERIOR - CLUBE NÁUTICO - MANHÃ

138. Arlete, estendida no gramado do Clube Náutico, a pouca distância da piscina, toma banho de sol. A seu lado estão Rosália, Matilde, uma ex-colega, e Gustavo, do gabinete do Ministro das Finanças. Este último, vendo chegar à piscina o dr. Homero Carpi, amigo de Jonas Prado, informa:

GUSTAVO - Chegou o Homero Carpi, amigo íntimo do Jonas. É estranho não estar também na lancha, no meio da cupinchada...

Arlete imediatamente se interessa pelo recém-chegado, que ela devora com os olhos. Depois indaga de Gustavo, aparentemente desinteressada:

ARLETE - Você o conhece? É boa praça?...

GUSTAVO - Conheço. É um sujeito educado. Já o vi algumas vezes no Ministério, parece que é acessível...

Rosália, de seu canto, examina a reação de Arlete, não ocultando o desapontamento pelo súbito interesse da amiga.

Matilde, por sua vez, pergunta a Gustavo:

MATILDE - O Homero é uma espécie de assessor universitário do presidente. É professor, tem acesso aos estudantes. Lá está ele na roda dos rapazes, com o Vilaça, novo presidente do Diretório...

139. Deslocando-se do grupo de Arlete para o grupo do Vilaça, câmara favorece, em P.A., a figura jovial do Homero Carpi, sentado entre os estudantes, próximo de Helena, ex-namorada de Arnaldo.

O Vilaça, saudando a chegada do professor, exclama:

VILACA - Mas que milagre é este, professor?... Não foi passear no lago, com o Presidente?...

HOMERO CARPI - Acordei tarde, perdi a hora... O Jonas é inflexível nessa questão de horário, vocês sabem...

VILACA - Não é só em questão de horário, professor. O homem é inflexível em tudo, inclusive consigo mesmo!...

HOMERO CARPI - Vamos, rapazes, nada de política! Hoje é domingo, dia de paz, de sol, de banho de piscina...

Helena, apaziguadora, intervém:

HELENA - Ele tem razão, Vilaça. Vamos mudar de assunto... Você só pensa em política!...

VILACA - Falar do Jonas, bem ou mal, não é política, Helena, é um prazer do povo!...

Câmera recua, ampliando o quadro, e deixando ver, ao fundo, Arnaldo Frias que se aproxima.

Absorvida na conversa, Helena não percebe a chegada do ex-presidente do Diretório que, sombrio, se aproxima do grupo e fala à antiga namorada, assustando-a com sua voz:

ARNALDO - Como vai, Helena? Preciso falar com você, pode me dar um minuto?...

Helena, embaraçada diante da chegada intempestiva do ex-namorado, fica indecisa alguns instantes. Depois se decide e responde:

HELENA - Pois não, Arnaldo. Quer falar comigo em particular? Não quer juntar-se ao grupo?...

ARNALDO - Prefiro em particular, Helena...

140. Modificando a angulação, câmera enquadra todo o grupo. Helena, levantando-se, diz ao Vilaça e aos companheiros de grupo:

HELENA - Então vocês me dão licença... Volto num minuto.

Depois se afasta, seguida pela objetiva em panorâmica. Mais adiante pergunta a Arnaldo, que segue, calado, a seu lado:

HELENA - Aonde você quer ir?...

ARNALDO - Vamos conversar no carro, que é mais sossegado...

HELENA - Então é melhor me vestir...

ARNALDO - Não é preciso. Venha assim mesmo.

141. Helena e Arnaldo ultrapassam a portaria do clube e se aproximam do automóvel, estacionado mais adiante.

Depois entram no carro. Arnaldo, inesperadamente, liga o motor e faz o carro arrancar como um bólido, ganhando a estrada.

EXTERIOR - CASA DE MATUCHO - MANHÃ

142. Uma pequena multidão concentra-se diante da casa de Matucho. Vizinhos do casal comentam, contristados, a tragédia que se abateu sobre o lar do operário.

De repente, Josefina surge à porta, trazendo no colo o corpo de Miguelzinho, envolto num grande chale preto. A multidão, penalizada, abre passagem para a mulher que, desesperada, vai levar o filho morto à prisão onde Matucho se encontra.

Toda a rua fica em silêncio e deixa passar a mulher que, mais adiante, apanha o ônibus para o centro de Incália.

EXTERIOR - LANCHAS PRESIDENCIAIS - MANHÃ

143. Enquadra-se o Presidente Jonas Prado na mesma posição do

plano 134.

Um garçon se aproxima, trazendo a gafarra de uísque, pronto para renovar a dose. O Presidente entrega o copo ao garçon e diz:

JONAS PRADO - Pode levar de vez, Hamilton. Não quero mais. Está na hora do almoço.

Depois deixa seu lugar e vai à cabina de comando, dizendo ao piloto:

JONAS PRADO - Podemos voltar, comandante. Acho que o pessoal está faminto!...

O piloto faz a manobra e modifica o itinerário da lancha, que começa a voltar ao Palácio Residencial.

INTERIOR - QUARTO DO HOTEL REAL - MANHÃ

144. Alípio Antunes está ao telefone, no quarto de hotel. Depois de alguns segundos, durante os quais ouve o interlocutor, o ex-deputado responde, com desaponto:

ALÍPIO (ao telefone) - Está bem, Gonçalves... Compreendo, não tem importância... Não precisa se desculpar. Agradeço, de qualquer maneira. Até logo...

Depois desliga, com irritação, dá alguns passos pelo cômodo.

Em seguida, tomando uma decisão, apanha a mala e começa a arrumar a roupa e seus pertences.

EXTERIOR - CLUBE NÁUTICO - MANHÃ

145. À beira da piscina do Clube Náutico câmera enquadra Arlete Murtinho em animada palestra com o dr. Homero Carpi, a quem fora apresentada pelo Gustavo. Após fixá-los em P.P., câmera faz panorâmica e, pela lente "Zoom", aproxima-se de Rosália, mais adiante.

A amiga de Arlete conversa com Matilde:

ROSÁLIA - A Arlete não tem mais jeito!... Já começa a perder a noção da medida, da compostura... Passa de um para outro, querendo o impossível!

MATILDE - Você precisa ser mais indulgente, Rosália! Ela luta pela vida...

ROSÁLIA - Acho que é o contrário, Matilde. Ela tem é medo de enfrentar a vida, não luta por outro emprego, fica usando este expediente sujo!

MATILDE - Não fale isto, Rosália! Ela é sua melhor amiga!

ROSÁLIA - Não sei mais se é minha amiga, Matilde!...

INTERIOR - CARRO DE ARNALDO - MANHÃ

146. Colocada no interior do automóvel de Arnaldo, câmera enquadra o estudante, calado, ao volante, com Helena ao lado.

O carro avança em grande velocidade por uma das estradas de contorno da Capital.

EXTERIOR - LANCHAS PRESIDENCIAIS - MANHÃ

147. Jonas Prado, à frente do convés, quase à popa, sente com prazer o vento que fustiga seu rosto.

A lancha rompe a massa líquida, veloz, aproximando-se do ancoradouro, visto no fundo.

INTERIOR - ÔNIBUS COLETIVO - MANHÃ

148. Transferindo-se para o interior do ônibus que liga Radiosa a Incália, câmera focaliza Josefina com o corpo inerte de Miguelzinho, sentada num dos últimos bancos.

Pungente, crispada pelo sofrimento, a triste mulher contém o choro e olha fixamente para a frente.

De repente, uma lufada de vento levanta o chale preto que co-

bre o corpo do filho, deixando ver seu rosto macilento, duro, imóvel.

Josefina, antes que alguém ~~o~~ o descubra, cobre depressa o cadáver, enquanto o ônibus arremete pela estrada.

INTERIOR - CARRO DE ARNALDO - MANHÃ

149. De novo no interior do carro de Arnaldo, a objetiva focaliza, em P.P., o rosto de Helena fustigado pelo vento, os longos cabelos que esvoaçam, o olhar exprimindo medo e tensão.

O automóvel, em alta velocidade, roda pela estrada que leva ao Aeroporto.

É quando Arnaldo, com voz exaltada, começa a dizer, enquanto a câmera, recuando, amplia o quadro:

ARNALDO - Agora sou fósforo queimado, já não presto para você, não é Helena?! Cai em desgraça, estou na merda! Você me abandona, vai se entregar ao Vilaça, exatamente ao Vilaça, meu inimigo pessoal, um dedo-duro, puxa-saco do Governo! Você caiu muito, Helena! Está se degradando!...

Helena, calada até então, explode de indignação, respondendo ao estudante:

HELENA - Você nunca me deixou participar de sua vida! Foi sempre um egoísta, auto-suficiente, com complexo de superioridade! Eu só servia para a cama, para mais nada! Todo o resto era para a política, esta sua megalomania de líder, de predestinado! Não, Arnaldo, fiquei saturada, me enchi!

Arnaldo, inopinadamente, freia o carro, quase levando a moça a chocar-se com o parabrisa. Depois volta-se enferecido e, agarrando-a pelo braço, exclama:

ARNALDO - Deixa de hipocrisia! Isto é cinismo deslavado! Você não presta mesmo, me trocou pelo Vilaça, que agora está por cima, prestigiado pela cambada do Governo!...

HELENA - Pelo menos ele me trata como gente, como ser humano! Não é como você, seu estúpido, demagogo barato!!!

EXTERIOR - ESTRADA DO AEROPORTO - MANHÃ

150. Arnaldo, transtornado, possesso, agarra a moça, abre a porta do carro e a lança na estrada. Depois também deixa o veículo e, perto de um barranco, entre arbustos, começa a espancar brutalmente a moça.

Helena tenta reagir, mas só provoca mais fúria no estudante, que a esbofeteia e xinga, fora de si:

ARNALDO - Puta vagabunda! Ordinária! Você não presta! Rameira!!! Sua merda!!!

Depois de aliviar a raiva, Arnaldo arroja Helena no chão, volta ao carro e, de novo, arremete para a frente.

Câmera faz panorâmica e, avançando na direção de Helena, cai da ao solo, fixa em P.P. seu rosto que sangra, enquanto ela chora convulsivamente, sem forças.

INTERIOR - PRISÃO DE INCÁLIA - MANHÃ

151. Um guarda Prisão Central abre uma porta de ferro e deixa entrar Josefina que, carregando o cadáver de Miguelzinho, se aproxima da cela onde está Matucho.

O operário, vendo-a chegar, levanta-se, assustado, do canto e vai para perto dela.

De repente, diante do enorme espanto do Matucho, Josefina, alucinada, retira o chale e descobre o corpo inerte do menino, exclamando, desesperada:

JOSEFINA - Olha, Matucho! É o Miguelzinho!

Ele morreu! Nosso filho morreu!!!

Matucho, pego de surpresa, é a própria imagem da inutilidade. Não sabe o que fazer, os olhos estupidificados. E assim fica, imobilizado atrás das grades, enquanto Josefina continua a gritar, em meio ao choro convulsivo:

JOSEFINA - Morreu! Está morto o Miguelzinho, Matucho! O menino morreu!!!

O guarda, que conduziu Josefina diante do marido, sai correndo, assustadíssimo, e vai relatar ao Comissário o que presenciara:

GUARDA - "Seu" Comissário, uma coisa terrível!

~~aquela mulher~~ Aquela mulher, "seu" Comissário, trouxe o cadáver do filho para mostrar ao marido, aquele operário que tentou agredir o Ministro! Está lá dentro, nas celas, gritando como uma doida!

O Comissário, muito espantado, ordena então ao policial:

COMISSÁRIO - Vai soltar o preso, imediatamente! Este homem não pode ficar aqui! Põe o preso para fora, Zizinho, agora, vamos!

EXTERIOR - ESTRADA DO AEROPORTO - MANHÃ

152. Helena, o nariz sangrando, os cabelos revoltos, caminha pela estrada asfaltada que leva ao Aeroporto.

De maiô, suja, manchada de sangue, soluçando, é uma figura insólita na paisagem ensolarada da Capital.

A estrada está deserta. Helena caminha, trêmula, seguida, durante algum tempo, pela câmera que recua em "travelling".

De vez em quando estanca o sangue, com um lenço encharcado. Um vento frio esvoaça seus cabelos. Ao lado da estrada, num matinho ralo, pássaros cantam.

EXTERIOR - ESTAÇÃO RODOVIÁRIA - MANHÃ

153. Alípio Antunes, vestindo um terno velho, de óculos, evitando ser reconhecido, chega à Estação Rodoviária de Incália.

Carrega duas malas e vai esperar o ônibus que leva à cidade-auxiliar de Radiosa.

Depois o ônibus encosta na plataforma. Alípio, com outros passageiros, toma lugar no coletivo que, logo em seguida, deixa a estação e ganha o caminho de Radiosa.

EXTERIOR - PALÁCIO RESIDENCIAL - MANHÃ

154. O grupo de convidados de Jonas Prado desce da lancha, no ancoradouro do Palácio Residencial. Depois atravessa os jardins do Palácio e vai ocupar as mesinhas dispostas na grande varanda, onde o almoço será servido.

Jonas, pedindo licença, vai ao interior da residência.

EXTERIOR - CLUBE NÁUTICO - MANHÃ

155. Arlete e Homero Carpi, fixados em P.P., continuam a conversar à beira da piscina. Rosália e Matilde já deixaram o clube. Há poucos banhistas na piscina. A maioria foi almoçar no restaurante, ou em suas residências.

Arlete, inteiramente familiarizada com o professor, que a escuta com grande interesse, está dizendo:

ARLETE - Eu dou o que você quer, Homero, mas, em troca, preciso de sua ajuda...

HOMERO - Você não precisa de ajuda, Arlete! Você consegue o que quiser!...

ARLETE - Só não consegui foi manter o emprego, professor! Fui demitida pelo Jonas! Sei que você é grande amigo dele, poderia falar com ele, para ver se consigo...

HOMERO - Vou ser franco com você, Arlete: adotei a praxe de nada pedir ao Jonas, principal-

mente em questões de emprego. Ele é radical nessas coisas, você sabe...

Arlete não disfarça o desapontamento, ouvindo a recusa do professor.

Fica alguns segundos calada, cheia de frustração. Depois exclama, levantando-se, pronta para partir:

ARLETE - Está bem, professor! Não tenho o que preciso, você não terá o que deseja! Neste país vigora o "toma cá, dá lá"!... Prazer em conhecê-lo! Aliás, um prazer muito relativo, para dizer a verdade! Com licença!

Dizendo isto, Arlete se afasta, indo ao vestuário da piscina, enquanto Homero Carpi, a expressão ligeiramente irônica, bebe mais um gole de uísque.

INTERIOR - CAPELA DO CEMITÉRIO - DIA

156. Matucho e Josefina velam o corpo do filho, colocado num humilde caixão de madeira, na capela mortuária do cemitério de Incália.

Estão sós, calados. Quatro velas ardem em volta do esquife.

EXTERIOR E INTERIOR - CASA DE HONÓRIO - DIA

157. Alípio Antunes, carregando as malas, chega diante da casa de Honório Quintas, seu antigo motorista particular. A casinha fica a duas quadras distante da rua do Matucho, na mesma cidade-auxiliar de Radiosa.

O ex-deputado bate à porta e aguarda algum tempo. A porta, depois, se abre, surgindo a figura do motorista, um mulato magro, a barba por fazer. Avistando o ex-parlamentar, Honório não disfarça o espanto e exclama:

HONÓRIO - O senhor aqui, doutor Alípio?...

ALÍPIO - Bom dia, Honório. Preciso muito falar com você!...

HONÓRIO - Pois vamos entrar, deputado, faça o favor!

Honório apanha as malas do ex-deputado e o faz entrar na sala da casa.

158. No interior da casa do motorista, a objetiva enquadra os dois homens que se acomodam em torno da mesa de refeições, quando Alípio, então, esclarece:

ALÍPIO - Preciso muito de sua ajuda, Honório. Você sabe que estou sendo vítima de odiosa perseguição do Jonas Prado, que cassou meu mandato!

HONÓRIO - Lí no jornal, doutor Alípio. Aquele bandido vai pagar caro por tudo o que está fazendo! O senhor vai, <sup>ver</sup>deputado, Deus castiga!

ALÍPIO - Agora o canalha quer pedir minha prisão preventiva! Preciso ficar escondido, por algum tempo, até tomar rumo seguro, talvez sair do país. Lembrei-me de você, que é de minha inteira confiança, queria saber se posso contar...

Honório, emocionado, interrompe o ex-deputado e exclama:

HONÓRIO - Nem precisa pedir nada, patrão! O senhor sempre foi meu amigo, me ajudou quando eu precisava, arranjou o emprego de servente do Fundo! Pode ficar aqui o tempo que precisar!...

ALÍPIO - Muito obrigado, Honório! Eu sabia que esta seria sua resposta!

ALÍPIO - Só que não vai ficar bem instalado, doutor, é casa de pobre, o quarto é pequeno...

ALÍPIO - Qualquer coisa serve, Honório, é só por alguns dias.

EXTERIOR - PALÁCIO RESIDENCIAL - DIA

159. Os convidados do Presidente Jonas Prado almoçam animadamente na varanda do Palácio Residencial.

Por um alto-falante ouve-se música alegre, enquanto o vozerio revela a excitação dos convivas, a quem diversos garçons servem bebidas, vinhos e uísque.

Jonas, presidindo uma mesa, no centro do alpendre, está excepcionalmente animado, eufórico e falante. Câmera avança até fixá-lo em P.P., quando o Presidente, terminando uma garfada, mastiga e, depois, comenta para os amigos:

JONAS PRADO - O sentimento de culpa é que faz o ser humano sentir-se amargo, hostil, retirando dele a capacidade de gozar a liberdade, de atuar criativamente e com audácia. Cada minuto deve conferir ao homem uma força nova, que ele necessita explorar em toda plenitude!

Câmera recua, abrindo o quadro para P.M. e mostrando toda a mesa, com destaque para uma bonita mulher que, perto do Presidente, parece deslumbrada com a filosofia do Jonas, e comenta, excitada:

MULHER BONITA - É verdade, Presidente! Também sinto esta força, todo dia, ao despertar! Tenho vontade de sair cantando e beijar todo o mundo, espalhando minha felicidade!...

Jonas, surpreendido com o arrebatamento da desfrutável senhora, olha-a com admiração e uma ponta de ironia. Depois comenta:

JONAS PRADO - Esta força admirável, minha cara senhora, precisa ser contida, com urgência, por seu ilustre marido!...

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARNALDO - DIA

160. Arnaldo Frias, transtornado, chega a seu apartamento.

Chegando à sala, seu olhar é atraído por uma carta colocada em ponto destacado pelo pai. Abre-a e, em voz baixa, começa a ler:

ARNALDO (lendo) - "Meu filho. Cansado de discussão e muito acabrunhado com sua situação, regresso hoje para casa. Você medite bem, pois não tem outra alternativa; ou volta também para casa, ou fica por aqui por sua inteira responsabilidade, com seus próprios meios! Faça isto em seu próprio benefício. Você decidirá sozinho, pois, como maior de idade, deve assumir suas responsabilidades. Um abraço do pai, amigo, apesar de tudo, Alcides".

Arnaldo, deprimido, deixa a carta sobre a mesa, abre um armário, retira uma gafarra de conhaque. Apanha depois um copo e, com ele e a gafarra, vai sentar-se no sofá e começa a beber, enquanto medita sobre a própria decadência.

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARLETE - DIA

161. Uma violenta discussão explode entre Arlete e Rosália, no quarto de dormir da ex-funcionária. Arlete, recém-chegada do clube, troca de roupa, enquanto discute com a amiga, em termos ríspidos, sua situação pessoal.

Rosália, mais exaltada do que ela, está dizendo:

ROSÁLIA - Foi vergonhoso seu comportamento no clube, flertando com o Homero Carpi!...

ROSÁLIA - Olhe, Rosália, você precisa acabar com esta mania de me censurar! Sei o que faço, sou maior de idade!

ROSÁLIA - Então por que não se comporta como adulta?!

ARLETE - Só estava conversando com alguém que

poderia me ajudar!

ROSÁLIA - Deixe de ingenuidade, mulher! Você está cansada de saber que esta gente só quer levar você para a cama!... Depois desconversa!

ARLETE - Você está agindo como despeitada, como alguém que critica as coisas que não pode conseguir!

ROSÁLIA - Despeitada, eu?! E por que?!...

Rosália chega mais perto de Arlete, que ajeita os cabelos na penteadeira. Está transtornada, cheia de indignação. Arlete, vendo a reação da amiga, fica intimidada, e nada responde. Rosália, no entanto insiste, agressiva:

ROSÁLIA - Vamos, diga porque sou despeitada!...

Arlete, repentinamente, enche-se de coragem e replica à companheira:

ARLETE - Ora, Rosália, você é uma mulher amarga, feia e solitária, desprezada pelos homens! Você é uma complexada!

Rosália explode, frenética:

ROSÁLIA - Posso ser tudo isto, e você?! O que é você, Arlete?! Uma prostituta sem vergonha, que se entrega por interesse, talvez por dinheiro!...

Arlete, dando um salto, esbofeteia Rosália que, aterrorizada, recua, atônita, enquanto a ex-funcionária esbraveja:

ARLETE - Sua ordinária, sua cachorra, tem a coragem?!!!

Depois fica esperando.

Rosália, contudo, não reage, acovardada, emocionadíssima.

Alguns instantes mais tarde, recompondo-se, retruca, com relativa serenidade:

ROSÁLIA - Escute uma coisa, Arlete: é melhor que você saia desta casa, que está em meu nome, e que eu sustento há muito tempo! Vá viver com sua mãe, que é a única criatura que te suporta, ou então com algum de seus "protetores"!...

Arlete apanha a mala do alto de um guarda-roupa, joga-a sobre a cama e responde, enfurecida:

ARLETE - Pois é isto que vou fazer, sua vóbera! Não posso morar mais com uma desgraçada como você!...

#### EXTERIOR - CEMITÉRIO - TARDE

162. Matucho e Josefina, com o caixãozinho do filho no chão, esperam o coveiro acabar de cavar a humilde sepultura de Miguelzinho, num canto do cemitério de Incália, perto de uma colina.

Sopra um vento frio. Josefina soluça, desesperada, enquanto o operário contém, com dificuldade, o choro, sofrido, patético.

Depois o coveiro termina o trabalho e avisa:

COVEIRO - Está pronto. Vamos baixar o caixão!

102  
Matucho ajuda a descer o pequeno esquite. Josefina rebenta num choro solto e desesperado. O caixão é colocado no fundo da cova. Sobre ele Matucho e o coveiro lançam, então, pás de terra.

O esquite vai sendo, pouco a pouco, soterrado sob as vistas do casal brutalizado pelo sofrimento.

Depois Matucho apanha do chão uma tosca cruz de madeira e, de

um só golpe, finca-a no montículo de terra.

ESCURECIMENTO

SEQUÊNCIA XII

EXTERIOR - FLAGRANTES DE INCÁLIA - NOITE

163. O quadro se abre no Plano Geral, visto do alto, da cidade de Incália, à hora morta da noite.

A cidade, mergulhada no silêncio, parece morta e fantástica.

Câmera, deslocando-se de um ponto a outro, fixa aspectos expressivos de ruas e avenidas, captando uma atmosfera dramática de expectativa e tensão.

Os enquadramentos e jogos de luz e sombra, em efeitos especiais, buscam a transfiguração arquitetônica da moderna cidade, dando-lhe uma projeção trágica inesperada, enfatizando angulações insólitas de sua arrojada concepção urbanística.

O trabalho fotográfico deverá, sobretudo, explorar as inusitadas virtualidades estéticas da cidade, seus amplos espaços vazios, sua grande solidão, seu silêncio expectante.

164. Depois, por uma rua solitária da Capital, câmera focaliza, vindo do fundo, um estranho transeunte. Seu rosto está imerso em sombras. Veste um traje negro e suas passadas largas são regulares e ritmadas, ferindo o silêncio da noite.

O vulto, pouco a pouco, se aproxima da objetiva, até desvendar, em P.P., o rosto sombrio de Jonas Prado.

SOM - Passos ritmados, crescendo pouco a pouco.

165. Partindo do primeiro-plano do rosto sinistro do Presidente, câmera desloca-se para um ponto altíssimo da cidade, centralizando no quadro uma enorme e larga avenida, inteiramente vazia.

Depois, do fundo, vem vindo a mesma e fantástica figura do Presidente, enquanto seus passos alcançam, na trilha sonora, nível al-

tíssimo.

SOM - Ruído fortíssimo de passos.

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARNALDO - NOITE

166. Arnaldo Frias, de roupa e tudo, está jogado sobre o leito, no interior de seu apartamento.

Dorme profundamente, mas seu sono é agitado e estremece seus olhos, seus lábios.

Câmera avança lentamente, em carrinho, até fixá-lo em primeiríssimo-plano.

SOM - Na trilha sonora, concomitante com o movimento de aproximação da câmera, sobe o ruído ritmado dos passos de Jonas Prado, marcando o pesadelo de nosso personagem.

Quando a objetiva estiver enquadrando, praticamente, só os olhos de Arnaldo, corta-se diretamente para a próxima tomada.

EXTERIOR - ESTRADA DE INCÁLIA - NOITE

167. Dos olhos de Arnaldo Frias, ampliados na tela, sucede-se a imagem ofuscante da frente de seu automóvel, rodando em incrível velocidade numa estrada deserta da Capital, os faróis acesos, ferindo a objetiva.

SOM - Na trilha sonora, em corte direto, agora se ouve, fortíssimo, o ruído do motor do automóvel.

168. Deslocando-se para o interior do veículo, câmera enquadra, de

10

frente, a estrada que os faróis do carro iluminam. No fundo, exatamente no meio da rodovia, avista-se a mesma e fantasmal figura de preto do Presidente de Ameríndia.

À esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, Arnaldo Frias, ao volante do carro, acelera mais ainda e arremete na direção do vulto estranho.

Aproximando-se, como um raio, da odiada figura presidencial, Arnaldo tem um brilho maligno nos olhos, que a objetiva detalha, após circular em sua volta.

Depois a câmera detalha o instante em que o veículo se choca violentamente com o vulto, arrojando-o no espaço.

#### EXTERIOR - PRÉDIO EM CONSTRUÇÃO - NOITE

169. Em corte direto, câmera agora enquadra o pedreiro Matucho que, no alto de um edifício em construção, se aproxima do vulto sinistro de Jonas Prado, sempre vestido de negro, parado na extremidade de um andaime.

O vento sibila no arranha-céu, enquanto uma luz estranha projeta a sombra do Presidente nas colunas do prédio e no espaço.

Matucho chega diante do vulto e, de um salto, arroja-o do alto do prédio. O corpo de Jonas parece esvoçar no espaço, soltando um grito lancinante, que vai sumindo pouco a pouco.

SOM - Grito de pavor, sumindo lentamente no abismo.

#### INTERIOR - CASA DE MATUCHO - NOITE

170. Transferindo-se para o interior da casa do Matucho, em Radio-sa, câmera enquadra o pedreiro e sua mulher deitados, no quarto de dormir.

Em vez do Presidente, gritando ao cair do edifício em construção, quem solta um doloroso grito, no meio de um pesadelo, é Josefina.

SOM - Grito lancinante de Josefina.

O grito acorda, assustadíssimo, o operário. Sentando-se na cama, sacode a mulher, dizendo:

MATUCHO - Acorda, Josefina! Você está sonhando?!...

INTERIOR - QUARTO DE ARLETE - NOITE

171. A sequência onírica agora prossegue com o P.P. de Arlete Murtinho, dormindo num quarto do apartamento de Matilde, no Setor Oriental.

SOM - Os passos, destorcidos e com eco, do Jonas Prado ocupam fortemente a trilha sonora.

Câmera aproxima-se do rosto da ex-funcionária, até fixar, em primeiríssimo-plano, seus olhos fechados.

EXTERIOR - PISCINA DO CLUBE NÁUTICO - NOITE

172. Em vez do P.P. dos olhos de Arlete Murtinho, câmera agora enquadra, também em "close", o olhar sinistro de Jonas Prado.

Depois a lente "Zoom" recua, abrindo o quadro e mostrando, em P.G., a piscina do Clube Náutico e, no centro, o trampolim, no alto do qual se vê o vulto fantástico do Presidente de Ameríndia, sempre vestido de preto.

Arlete Murtinho entra no quadro, pela esquerda, e, em seguida, caminha na direção do trampolim.

173. "Recuando em "travelling", câmera focaliza Arlete em P.P., o olhar sombrio e determinado, fixo no vulto, off, de Jonas Prado.

174. Arlete sobe as escadas do trampolim, aproximando-se do vulto que, de seu lugar, a espera impassível.

Depois Arlete alcança a plataforma superior do trampolim, a

*W*

poucos <sup>metro</sup> do Presidente. Lentamente, o ódio no olhar, Arlete retira da bolsa um pequeno revólver, aponta o peito do vulto e dispara.

Jonas, ferido de morte, cambaleia e começa a cair do trampolim.

175. De outro ângulo, enquadrando de baixo para alto, câmera mostra o vulto do Presidente de Ameríndia que tomba velozmente do alto e mergulha na piscina, abrindo um sulco na massa líquida.

Depois o corpo volta do fundo e começa a boiar, os olhos dramaticamente abertos.

A lente "Zoom" aproxima-se do cadáver, até fixar seu rosto estranho em P.P., enquanto, em volta dele, a água da piscina se mancha de sangue.

INTERIOR - SALA DE PROJEÇÃO DO PALÁCIO - NOITE

176. Jonas Prado, sozinho, na sala de projeção do Palácio Residencial, assiste a um tremendo faroeste.

A iluminação do recinto confere à imagem um efeito fantástico, enquanto a trilha sonora, deliberadamente aumentada, reproduz um terrível tiroteio.

Jonas, o copo de uísque na mão, assiste extasiado a projeção, como se estivesse hipnotizado.

De repente, saltando da tela, surge na sala o ex-deputado Alípio Antunes, revólver em riste, aproximando-se do Presidente, que nada faz.

Depois, a um metro dele, Alípio descarrega em seu peito toda a carga da arma.

Jonas tomba a cabeça, esvaindo-se em sangue, e morre.

SOM - Na trilha sonora sobe, fortíssimo, o ruído dos tiros, na sala e na tela, alcançando volume máximo.

INTERIOR - CASA DE MONÓRIO - NOITE

177. Câmera, em vagaroso Trav.-Avante, vai enquadrar em P.P. o ex-

lv

deputado Alípio Antunes, dormindo no pequeno quarto da casa do motorista Honório, em Radiosa.

O sono de nosso herói é agitado, fazendo-o balbuciar palavras indistintas, respirando com força, a fronte banhada em suor.

O movimento de aproximação da câmera só termina quando estiver enquadrando os olhos do ex-deputado.

SOM - Na trilha sonora, contrastando com os fortes ruídos da sequência onírica, agora se ouve o canto cheio de esperança de um galo.

---

SEQUÊNCIA XIII

EXTERIOR - PROXIMIDADES DO PALÁCIO RESIDENCIAL - MANHÃ

178. Câmera enquadra, novamente em primeiro-plano, o rosto do ex-deputado Alípio Antunes, agora abertos e atentamente fixados à esquerda do quadro.

Depois câmera recua, em carrinho, mostrando Alípio ao lado de grandes manilhas de cimento-armado, observando, discretamente, o Palácio Residencial, que se vê ao fundo.

Alípio traz um bloco de papel de desenho, no qual, com um lápis, traça o croquis do Palácio e de suas vias de acesso.

Quando vê um carro aproximar-se, mete rapidamente o bloco no bolso e, fingindo despreocupação, começa a caminhar, apreciando a paisagem, como um turista.

Câmera faz panorâmica e vai revelar, na estrada asfaltada, o carro de Arnaldo Frias, aproximando-se vagarosamente.

INTERIOR - CARRO DE ARNALDO - MANHÃ

179. Deslocando-se para o interior do automóvel, a objetiva deixa Arnaldo Frias, ao volante, em P.P., ligeiramente de perfil.

O carro avança lentamente, enquanto o ex-líder universitário

observa atentamente o Palácio Residencial e imediações.

É quando, manobrando o carro para a esquerda, o estudante enxerga, num canto, o ex-deputado. Estranhando sua presença, isolada e suspeita, Arnaldo acelera o carro e se afasta.

EXTERIOR - IMEDIAÇÕES DO PALÁCIO DOS DESPACHOS - MANHÃ

180. De um ponto estratégico da praça onde se localiza o Palácio dos Despachos, Arlete Murtinho, equipada com tela, cavalete, tinta e pincéis, finge pintar a paisagem.

Câmera, aproximando-se da ex-funcionária, mostra a pintura, apenas esboçada, e o rosto da moça, atento não à paisagem, mas ao Palácio da Presidência, visto ao fundo.

Arlete continua a pintar, com traços canhestros de amadora. De vez em quando lança olhares furtivos ao Palácio.

É quando, repentinamente, avista, não longe do lugar onde se encontra, o pedreiro Matucho, olhando suspeitamente em sua direção.

Arlete se assusta, temendo que o operário seja um policial disfarçado. Interrompe a pintura, recolhe o cavalete e se afasta do local, enquanto Matucho chega ao ponto onde ela estivera. Depois caminha alguns metros e fica observando, de longe, o Palácio dos Despachos, ao qual, logo depois, chega o carro oficial trazendo Jonas Prado.

Matucho, vendo chegar o Presidente, avança alguns metros na direção do Palácio. Seu caminho, no entanto, é cortado pelo carro de Arnaldo Frias, que vai estacionar mais adiante.

O estudante desce e parece caminhar na direção do operário que, assustado, se afasta do lugar. Arnaldo, despreocupado com a presença do operário, fica observando a chegada do Presidente, que se vê, de longe, passando em revista a Guarda Presidencial e, em seguida, subindo a escadaria e entrando no Palácio.

Distraído na contemplação do cerimonial, o estudante não percebe a chegada, na calçada fronteira, do ex-deputado Alípio Antunes.

Este, por sua vez, avistando o estudante, a poucos metros, tem um sobressalto, reconhecendo o mesmo desconhecido que vira, pouco antes, nas imediações do Palácio Residencial.

Tanto Alípio, como Arnaldo, intrigados um com o outro, procu-

ram disfarçar sua estranheza e se afastam da praça pública.

INTERIOR - PALÁCIO DOS DESPACHOS - MANHÃ

181. O Presidente Jonas Prado chega ao gabinete de despachos, na sede do Governo. O secretário José Margarino se aproxima e cumprimenta:

JOSÉ MARGARINO - Bom dia, Presidente...

JONAS PRADO - Bom dia, Margarino. Qual é a agenda de hoje?

JOSÉ MARGARINO - É dia de audiência com os parlamentares. Mas na sala de espera já se encontra o Ministro da Defesa, que pede para ser recebido extraordinariamente...

Jonas, ligeiramente irritado, interrompe o secretário-particular:

JONAS PRADO - Já cansei de dizer que desejo as audiências respeitadas! É questão de disciplina administrativa!

JOSÉ MARGARINO - Sei disso, Presidente, e o Ministro também sabe... Mas o General manda dizer que é motivo relevante, de muita urgência!

Jonas fica alguns segundos pensativos, a fisionomia grave. Depois determina ao funcionário:

JONAS PRADO - Pois então mande entrar o Ministro, explicando que abro uma exceção e só lhe concedo quinze minutos!

INTERIOR - APARTAMENTO DE FLÁVIO HENRIQUE - MANHÃ

182. Arnaldo Frias chega ao apartamento de seu ex-colega e amigo Flávio Henrique, outro estudante expulso da Universidade.

Na sala-de-estar estão mais cinco ou seis universitários, além de Flávio Henrique, a quem Arnaldo se dirige, logo ao chegar:

ARNALDO - Tudo resolvido? A coisa sai mesmo?

FLÁVIO HENRIQUE - Sai. Tudo preparado para segunda-feira...

ARNALDO - E qual é a minha tarefa?

FLÁVIO HENRIQUE - O Vidigal depois te explica.

INTERIOR - SEDE DO SINDICATO - MANHÃ

183. Na sede do Sindicato dos Trabalhadores em Construção Civil câmara focaliza o pedreiro Matucho no meio de outros operários, entre os quais o Zito, amigo e vizinho de Radiosa.

Um diretor do Sindicato, homem de cor, baixo, franzino, o olhar decidido de líder, aproxima-se do grupo e explica:

DIRIGENTE SINDICAL - Articulamos com os estudantes uma passeata de protesto. É coisa pra valer, uma demonstração de unidade, de repúdio ao Governo! Vocês fiquem de sobreaviso, serão avisados com antecedência. Deve sair, no máximo, dentro de uma semana!

INTERIOR - GABINETE PRESIDENCIAL - MANHÃ

184. Focaliza-se a porta de entrada do gabinete do Presidente Jonas, no Palácio dos Despachos.

Por ela está saindo, sombrio, o Ministro da Defesa, General Porfírio Demétrio, que se dirige ao ajudante-de-ordem, secamente:

MINISTRO DA DEFESA - Vamos embora, Major!

W

José Margarino vai ao gabinete presidencial, encontrando Jonas Prado de pé, parado, ao lado de uma janela. Está sombrio, inquieto.

to, visivelmente nervoso. Vendo chegar José Margarino, explode, irritadíssimo:

JONAS PRADO - Eles estão enganados, Margarino! A mim ninguém intimida! Não admito ameaça de nenhuma espécie!

JOSÉ MARGARINO - Mas, o que aconteceu, Presidente?!...

JONAS PRADO - O General fez advertências, transmitiu ameaças veladas dos militares, tentou mudar os rumos de meu Governo!

JOSÉ MARGARINO - Logo o General Porfírio, que o senhor tirou do ostracismo, promoveu e trouxe para o Ministério?! O senhor acredita que esteja vacilando?!

JONAS PRADO - Vacilando, ou não, perdeu minha confiança! Vou demiti-lo!

JOSÉ MARGARINO - Todo o dispositivo terá de ser mudado, neste caso... Não seria melhor chamar o Rabelo Cruz?...

JONAS PRADO - Acho bom. Chame o Rabelo, imediatamente!

INTERIOR - GABINETE DO MINISTRO DA DEFESA - MANHÃ

185. O General Porfírio Demétrio, Ministro da Defesa, chega à antecâmara de seu gabinete. É a mesma sala na qual Alípio Antunes esperou, dias antes, para falar ao Coronel Vasconcelos.

O General cumprimenta o Capitão, auxiliar-de-gabinete, e determina:

MINISTRO DA DEFESA - Chame o Chefe do Estado Maior, e mande entrar o Coronel Vasconcelos!

CAPITÃO - Pois não, Senhor Ministro!

*185*

INTERIOR - REDAÇÃO DE JORNAL - TARDE

186. Câmera avança pela Redação da sucursal de um grande jornal diário.

Redatores batem à máquina matérias jornalísticas para transmissão pelo telex ou por telefone.

O "travelling" termina quando a objetiva estiver enquadrando, em P.P., o Chefe da Redação, um homem alto e gordo, a cara marcada pela bexiga, o jeito nervoso, e que passa pelo telefone um despacho urgente:

CHEFE DA REDAÇÃO (pelo telefone) - Pegou bem?...

Pois então lá vai mais! (DITANDO): "Transpirou do Palácio dos Despachos informação de que estariam em desacordo a alta cúpula do Governo e das Forças Armadas, que teriam advertido o Presidente da República das graves ameaças que pesam sobre a segurança do regime".

O jornalista interrompe um instante, esperando que seu interlocutor complete o parágrafo. Depois continua:

CHEFE DA REDAÇÃO - Tudo OK? Então lá vai o final: "Também conseguiu a reportagem informações seguras de que o Governo cogita decretar o Estado de Sítio, falando-se em endurecimento do regime, novas cassações e intensificação da repressão. O ambiente político-militar na Capital é francamente sombrio".

INTERIOR - APARTAMENTO DE MATILDE - NOITE

187. Enquadra-se o vídeo de um aparelho de televisão, no qual o Locutor de um tele-jornal lê o noticiário do dia:

LOCUTOR (lendo): "O Presidente Jonas Prado manteve demorada conferência com o Ministro Da defesa, General Porfírio Demétrio, que deixou o

gabinete presidencial perfeitamente afinado com o pensamento do Governo, no interesse da normalidade institucional do país".

Câmera inicia o movimento de recuo, deixando entrar no campo visual a ex-funcionária Arlete Murtinho, sentada diante da Tv, atenta ao noticiário, enquanto o Locutor prossegue:

LOCUTOR - O Presidente inaugurará, na próxima semana, o viaduto da Rótula Principal, devendo pronunciar, na ocasião, importante discurso diretamente do palanque armado na Praça Monumental. E voltem a ouvir novas notícias no Informativo das 22 horas. Boa noite".

SOM - Prefixo musical de fim de programa.

Câmera, novamente se movimentando, vai fixar Arlete em primeiro-plano. A moça medita sobre a notícia. Sua expressão é grave, de quem começa a tomar, afinal, uma grande decisão.

---

ESCURECIMENTO

---

SEQUÊNCIA XIV

EXTERIOR - PRAÇA MONUMENTAL - MANHÃ

188. Enquadra-se, inicialmente, em P.P., as mãos de um trabalhador que, com um martelo, prega um tecido no corrimão do palanque armado na Praça Monumental de Incália.

Depois, em Trav-Atrás, câmera amplia o quadro, revelando, em P.G., o local da festa de inauguração. No palanque e imediações diversos operários completam os preparativos para a solenidade, a realizar-se horas mais tarde.

INTERIOR - CASA DO MATUCHO - MANHÃ

189. Focaliza-se agora, no interior da casa de Matucho, as mãos do operário em primeiro-plano. Elas apanham, de uma gaveta, a velha peixeira trazida do Orenoco.

Depois câmara recua para enquadrar nosso personagem em P.A.

Matucho guarda a arma na bainha, sob a camisa. Vai, em seguida, à janela que dá para a rua. E ali fica algum tempo, meditando, sombrio.

SOM - Gritos de crianças brincando na rua. Música ouvida de um rádio, em segundo-plano.

#### INTERIOR - CARRO PRESIDENCIAL - MANHÃ

190. O Presidente Jonas Prado, sentado no banco trazeiro do carro oficial da Presidência, a caminho do Palácio dos Despachos, é uma imagem enigmática, cheia de preocupação.

O carro rompe a distância, veloz, enquanto Jonas, enquadrado em P.P., tem os olhos fixos num ponto indeterminado, revelando grande tensão interior.

#### INTERIOR - CASA DE HONÓRIO - MANHÃ

191. O ex-deputado Alípio Antunes caminha no pequeno quarto, cedido por seu ex-motorista, e vai abrir o guarda-roupa, de onde retira uma maleta.

Coloca-a sobre uma mesinha, abre-a e retira de dentro uma "Mauser" automática. Apanha um feixe de bala e, com a arma, vai sentar-se à beira da cama, examinando-a.

Seu rosto exprime determinação e uma enorme tensão nervosa que o torna crispante e emocionado.

Câmera avança lentamente para detalhar as mãos do ex-deputado, no instante em que, num gesto rápido, enfima carga no tambor do revólver.

#### INTERIOR - APARTAMENTO DE MATILDE - MANHÃ

192. Arlete Murtinho acaba de fechar a porta de entrada do aparta-

mento de Matilde, onde se hospeda. A amiga saíra para o trabalho.

Aproveitando o isolamento, Arlete vai ao quarto de dormir e lá procura alguma coisa em gavetas e prateleiras.

Até que, finalmente, encontra o que procura: um pequeno revólver de cabo de marfim. Apanha a arma, abre o tambor, verifica que está carregado e, em seguida, guarda-a na bolsa.

EXTERIOR - PRAÇA MONUMENTAL - MANHÃ

193. Os eletricitistas terminam a instalação do equipamento de som no palanque da Praça Monumental. Os alto-falantes são testados. Tudo funciona bem.

Ao logradouro começam a chegar os primeiros populares e curiosos que ficam observando o trabalho dos operários.

EXTERIOR - PALÁCIO DOS DESPACHOS - MANHÃ

194. O carro presidencial estaciona à entrada privativa do Palácio dos Despachos.

Jonas, rapidamente, desce do automóvel e entra no edifício, indo tomar o elevador que leva ao 4º andar.

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARNALDO - MANHÃ

195. Arnaldo Frias, sentado à mesa de estudo, limpa uma Bereta. O estudante, nervoso, desmonta a arma e lubrifica suas peças. Depois começa a remontá-la, carrega o tambor e, em seguida, deixa o revólver na mesa e vai ao banheiro, onde começa a se barbear.

INTERIOR - GABINETE PRESIDENCIAL - MANHÃ

196. O Presidente da República, fechado em seu gabinete de trabalho, lê atentamente um documento. Ninguém mais se encontra na sala, mergulhada em silêncio, só quebrado pelo tic-tac de um velho relógio colonial preso à parede.

Uma luz vermelha, acesa à porta da ante-sala, impede o acesso de qualquer pessoa, inclusive de José Margarino.

O Presidente, pouco depois, levanta-se da cadeira, sempre lendo o documento, e caminha alguns passos pela sala. Seu rosto está grave, enigmático, marcado por forte determinação.

EXTERIOR - PRAÇA MONUMENTAL - MANHÃ

197. Levas cada vez mais numerosas de populares continuam a afluir à Praça Monumental de Incália, atraídas pela festa de inauguração.

O palanque, decorado com bandeiras e flores, já está pronto.

Contingentes de policiais também chegam e vão dispor-se em pontos estratégicos da praça.

INTERIOR - CASA DE HONÓRIO - MANHÃ

198. O ex-deputado Alípio Antunes termina de vestir um terno velho que, praticamente, o transforma em operário. A barba por fazer acentua a fatigada expressão do ex-parlamentar que, logo a seguir, deixa a casa de Honório e vai aguardar o ônibus para Incália.

INTERIOR - CASA DE MATILDE - MANHÃ

199. Arlete Murtinho despe-se e entra no banheiro do apartamento de Matilde, onde se banha.

Câmera, depois, passeia pelo apartamento e vai detalhar a mala de Arlete, aberta no sofá. Ao lado, perto de grandes óculos de fantasia, a bolsa aberta deixa ver o revólver de cabo de margim. Mais adiante, sobre uma mesinha, copos de bebida e muitas pontas de cigarro.

INTERIOR - GABINETE PRESIDENCIAL - MANHÃ

200. O Presidente da República voltou a sentar-se à mesa de trabalho. Com a caneta faz correções no documento que examina com a maior atenção.

Depois aperta o botão do interfone e fala:

JONAS PRADO - Margarino...

INTERIOR - ANTE-SALA DO GABINETE - MANHÃ

201. O secretário-particular, quase assustado, atende pressuroso ao chamado:

JOSÉ MARGARINO - Sim, Presidente!

JONAS PRADO (pelo interfone) - Faça-me o favor

de chamar ao gabinete o Rabelo Cruz e o General Ministro da Defesa. Com a maior urgência, por favor!

JOSE MARGARINO - Pois não, Presidente!

EXTERIOR - PRAÇA MONUMENTAL - MANHÃ

202. Por todos os cantos chegam ao local da inauguração ondas sucessivas de populares.

Também chega à praça, descendo de um ônibus especial, a Banda Militar da Polícia, com vistosos uniformes, e que vai se formar em lugar especial, ao lado do palanque.

EXTERIOR - RUA DE RADIOSA - MANHÃ

203. O ex-deputado Alípio Antunes, com óculos escuros, aguarda na fila o ônibus que faz a linha para Incália.

É quando, pela esquina, surge o Matucho que vai ocupar o fim da fila.

O ônibus, já repleto de populares, vem pela rua e, no ponto, apanha a nova leva de passageiros.

EXTERIOR - CASA DE MATILDE - MANHÃ

204. Arlete Murtinho agora é focalizada no instante em que também deixa a casa de Matilde, no Setor Ocidental de Incália.

Retira o carro da garagem e ganha a rua asfaltada, a caminho da Praça Monumental.

INTERIOR - APARTAMENTO DE ARNALDO - MANHÃ

205. Arnaldo Frias também acabou de vestir-se. Depois apanha a Berrera, que guarda no bolso do paletó. Vai, em seguida, à sala, apanha uma folha de papel, que dobra e mete no bolso, abre a porta do apartamento e sai.

EXTERIOR - PRAÇA MONUMENTAL - MANHÃ

206. Multidão cada vez maior se aglomera diante do palanque da Pra-

ça Monumental.

A banda de música ataca com vontade um dobrado militar, enchendo o espaço de atmosfera festiva.

SOM - Dobrado pela banda de música.

INTERIOR - GABINETE PRESIDENCIAL - MANHÃ

207. Na ante-sala do gabinete presidencial já se encontram, juntamente com o secretário-particular do Presidente, o Ministro da Justiça, Rabelo Cruz, e o Ministro da Defesa, General Porfírio Demétrio.

A luz vermelha ainda está acesa, impedindo qualquer acesso ao gabinete.

Margarino comenta com o Ministro Rabelo Cruz:

JOSE MARGARINO - Está fechado na sala há mais de duas horas, sem receber ninguém...

RABELO CRUZ - Daqui a pouco é a hora da inauguração... Ele precisa ser avisado!

JOSE MARGARINO - Não se preocupe com isto, Ministro! O Presidente cumpre religiosamente os compromissos... Olhe, apagou a luz...

Neste exato momento soa o interfone, ouvindo-se a voz de Jonas:

JONAS PRADO (pelo interfone) - Margarino, me faça o favor de vir ao gabinete. Chegaram os Ministros?

JOSE MARGARINO - Chegaram, Presidente.

JONAS PRADO - Pois então faça-os entrar também!

Os três, sem esconder a inquietação, penetram no gabinete presidencial.

EXTERIOR - PRAÇA MONUMENTAL - MANHÃ

208. Enquadra-se um dos pontos de acesso à Praça Monumental de Incália.

Estão chegando, separadamente, indo misturar-se à multidão, o pedreiro Mатуcho e o ex-deputado Alípio Antunes.

Aproximam-se do palanque, abrindo espaço na massa humana cada vez mais compacta.

Enquanto isto, a banda militar ataca o repertório festivo de marchas e dobrados.

SOM - Dobrado militar. Vozerio crescente.

INTERIOR - GABINETE PRESIDENCIAL - MANHÃ

209. O Presidente Jonas Prado está de pé, atrás da mesa de trabalho. Diante dele, também de pé, o Ministro da Justiça, o Ministro da Defesa e José Margarino ouvem, gravemente, o Presidente da República que lhes fala, com inusitada solenidade:

JONAS PRADO - Eu os convoquei, senhores, para transmitir uma decisão que tomei após profunda análise da situação e ponderada reflexão das consequências de meu ato. Senhores: aqui está, neste documento, meu pedido irrevogável de renúncia ao cargo de Presidente Constitucional da República de Ameríndia!

EXTERIOR - PRAÇA MONUMENTAL - MANHÃ

210. A fantástica revelação do Presidente Jonas Prado, feita no plano anterior, sucede-se, em corte direto, pelo primeiro-plano do bumbo da banda militar, no instante em que ataca um trecho eloquente do dobrado militar.

SOM - Acorde eloquente do dobrado militar.

Depois a lente "Zoom" recua, indo para o plano-geral de toda a banda e de parte da Praça Monumental, agora repleta de populares.

INTERIOR - GABINETE PRESIDENCIAL - MANHÃ

211. Câmera enquadra o Presidente Jonas Prado em P.P., dirigindo-se aos Ministros e ao secretário-particular, em off:

JONAS PRADO - Tomei esta decisão, repito, em caráter irrevogável!

Câmera, em "travelling-atrás", recua até o P.A. do grupo, enquanto o Rabelo Cruz, pálido, não refeito do grande susto, exclama:

RABELO CRUZ - Mas... Presidente!... Renúncia, agora, em plena crise?!... Pode causar o caos!

O General Demétrio, por sua vez, também comenta, muito assustado:

GENERAL DEMÉTRIO - O país pode ser dominado pela subversão, pelo comunismo!...

Jonas, irritado, inflexível, interrompe o Ministro da Defesa e ajunta:

JONAS PRADO - Não me preocupam as especulações em torno de meu gesto, senhores! Com referência à subversão, General, o senhor se encarregue de contê-la! Tem força suficiente para isto! Ainda há poucos dias <sup>ela</sup> foi bastante enfatizada quando tentou intimidar-me!

EXTERIOR - PRAÇA MONUMENTAL - MANHÃ

212. No novo na Praça Monumental, câmera focaliza, numa de suas extremidades, a ex-funcionária Arlete Murinho que também chega e vai misturar-se na multidão, aproximando-se do palanque.

10v

Câmera, em seguida, faz panorâmica e, acionando para a frente a lente "Zoom", vai mostrar, noutra ângulo da Praça, a chegada de Arnaldo Frias, que também abre alas na multidão e se aproxima do palanque

INTERIOR - GABINETE PRESIDENCIAL - MANHÃ

213. Seguido pela câmera, em Trav-Atrás, o Presidente Jonas Prado afasta-se da mesa e caminha alguns metros, indo observar o relógio de parede, conferindo com seu relógio de pulso. São 9,30 da manhã.

O General Porfírio, José Margarino e Rabelo Cruz aproximam-se do Presidente que, de seu canto, volta a lhes falar, agora mais sereno:

JONAS PRADO - Estou tranquilo com minha consciência, senhores! Sempre respeitei mais a dignidade do que a complacência!...

O Ministro da Defesa, ainda muito emocionado, insiste, patético:

MINISTRO DA DEFESA - Faço um apelo, Presidente, um apelo patético para que reconsidere seu gesto, que reconheço possui grandeza e despreendimento! Em nome da Nação, de seus amigos, do Governo e das Forças Armadas, apelo para seu espírito cívico!...

O Presidente retruca, com rispidez:

JONAS PRADO - O senhor deveria falar mais por si, General, do que pelos outros! Ainda muito recentemente foi o porta-voz de ameaças e intimidações! Em lugar de me deixar intimidar, General, ofereço esta renúncia, provocando danos menores do que a covardia moral! Peço não insistir, pois não recuarei!

EXTERIOR - PRAÇA MONUMENTAL - MANHÃ

214. Um carro oficial, conduzindo alta autoridade, chega ao local da festa, fazendo soar uma sirene estridente.

A multidão se agita, pensando tratar-se do Presidente da República. Verifica-se, depois, que é o Prefeito de Incália que desce do automóvel e se encaminha para o palanque.

INTERIOR - GABINETE PRESIDENCIAL - MANHÃ

215. O Presidente Jonas Prado, mais calmo, aproxima-se do Ministro da Justiça e lhe fala, estendendo o documento de renúncia:

JONAS PRADO - Peço-lhe, Rabelo, legitimar o pedido de renúncia, encaminhando este documento ao Congresso!

Depois consulta, outra vez, o relógio, e acrescenta:

JONAS PRADO - Agora vou presidir a festa de inauguração, o último ato de meu Governo. Aproveitarei para comunicar ao povo minha decisão e agradecer o apoio que sempre me deu. Volto depois à pequena cidade do interior, onde nasci e iniciei minha carreira política, onde espero encontrar paz e simplicidade. Bem, senhores, está na hora. Com licença!

Dizendo isto, Jonas encaminha-se para a porta de saída. Rabelo, Margarino e o General permanecem na sala, imobilizados, sem saber o que fazer.

EXTERIOR - PRACA MONUMENTAL - MANHÃ

216. Câmera revela, em primeiros-planos sucessivos, a ansiosa expectativa de Alípio, Arlete, Matucho e Arnaldo Frias, cada qual em seu lugar, no meio da multidão.

Enquanto isto, a banda militar continua a executar seu repertório de marchas e dobrados. No palanque, o Prefeito e outras autoridades aguardam, impacientes.

102

EXTERIOR - PALÁCIO DOS DESPACHOS - MANHÃ

217. O Presidente está deixando o Palácio, pelo elevador privativo. Aproxima-se do carro oficial, estacionado mais adiante, enquanto os policiais do pelotão de batedores se precipitam para suas motocicletas. Jonas, contudo, chama o chefe da escolta e determina:

JONAS PRADO - A escolta está dispensada, Sargento. Hoje é um dia especial...

Depois o Presidente, tomando assento no carro, ordena ao motorista:

JONAS PRADO - Vamos, Serafim! Estamos em cima da hora!

O carro arranca na direção da praça.

EXTERIOR - PRAÇA MONUMENTAL - MANHÃ

218. Faltam poucos minutos para as 10 horas. Enquanto não chega o Presidente, câmera capta novos flagrantes da multidão, da banda de música, das autoridades que o aguardam no palanque.

"Inserts" especiais mostrarão a crescente tensão que se apossa de Alípio, Matucho, Arnaldo e Arlete, misturados na multidão, prontos para assassinar seu inimigo mortal.

219. De outro ângulo, câmera mostra a chegada do carro oficial ao local da festa de inauguração. A multidão se agita, enquanto a banda militar ataca o hino nacional.

O carro vai estacionar perto do palanque, dele saltando o Presidente, que sobe os degraus com agilidade e vai colocar-se entre as autoridades e convidados.

A multidão aplaude o Chefe do Governo, que faz pitorescos acenos com a mão.

O Prefeito avança alguns passos, coloca-se diante dos microfones e começa seu discurso:

PREFEITO - Excelentíssimo Senhor Presidente

Jonas Prado. Povo de Ameríndia! Esta obra, que hoje entregamos ao público da Capital, significa não só outro importante melhoramento urbano como, principalmente, comprova o empenho do Governo em acelerar o desenvolvimento da Nação!

220. Câmera focaliza Alípio, Arnaldo, Matucho e Arlete, ouvindo o discurso, fixando, depois, a grande multidão na praça.

Nossos quatro personagens, em ângulos diferentes, estão a poucos de seu grande inimigo, alvo indefeso de seu ódio vingativo.

221. O P.P. de Jonas Prado destaca seus olhos perdidos na massa humana, completamente desligado do discurso que, em voz off, o Prefeito continua a pronunciar. Sua atenção está distante, seu rosto mergulhado em reflexão, como imagem estranha e enigmática. O Prefeito, off, prossegue:

PREFEITO (voz off) - O Governo desmente, pelo trabalho, as campanhas solertes motivadas por interesses contrariados, pela incompreensão e pela falta de civismo!

Ouvem-se alguns aplausos esparsos, interrompendo, por algum tempo, o discurso do Prefeito.

Jonas, acordando de suas reflexões, aproveita o intervalo e, após segredar alguma coisa ao ouvido do orador, que se afasta, toma seu lugar diante dos microfones e começa a falar, diante de completo silêncio:

JONAS PRADO - Compatriotas! Honra-me sempre cada novo encontro com o povo! Ele nos permite um diálogo emocionante com a alma viva da Nação. Neste período de meu Governo...

102  
222. P.P. de Alípio, Arlete, Matucho e Arnaldo que se movimentam no meio da multidão, aproximando-se ainda mais do palanque, enquanto Jonas, em voz off, continua a falar:

JONAS PRADO (voz off) - ... curto para minha vontade de servir, e longo demais para as resistências de minha dignidade, muito aprendi como ser humano e, principalmente, como homem público.

223. Câmera fixa o Presidente, inicialmente em P.A. e, em seguida, pelo movimento de aproximação do "travelling", em P.P.

Após curta pausa, o Presidente recomeça:

JONAS PRADO - Confesso que, sinceramente, prefiro mais o ser humano do que o governante. Este, normalmente, transige diante de pressões e ameaças, faz acordos e barganhas, enquanto aquele, mais puro e mais sensível, resiste para conservar sua integridade moral!

224. Alípio, Arnaldo, Matucho e Arlete estão agora muito próximos do Presidente, preparando-se para matá-lo.

Os quatro, em estado de enorme tensão, preparam-se para sacar suas armas, quando Jonas Prado, em voz off, exclama:

JONAS PRADO (voz off) - Meus patrícios! Quero vos comunicar, neste instante, uma grave decisão que acabei de tomar, após profunda meditação.

225. A objetiva colhe diversos flagrantes, para "inserts" de montagem, da multidão que redobra sua atenção diante das palavras do Presidente, além de primeiríssimos-planos de Arlete, Arnaldo, Matucho e Alípio, prontos para sacar as armas ocultas. Enquanto isto, em voz off, o Presidente continua:

JONAS PRADO (voz off) - Esta decisão é irrevogável e significa o sacrifício de minha vida pública, toda devotada à causa do povo e pautada por princípios de honradez e coerência.

226. O Presidente, enquadrado em P.P. pela objetiva, anuncia, tomado de grande emoção:

JONAS PRADO - Povo de Ameríndia, compatriotas!  
Comunico-vos que acabei...

227. P.P. de Alípio, Matucho, Arlete e Arnaldo, quase colados ao palanque, no instante em que metem a mão no bolso para sacar as armas. Enquanto isto, em voz off, Jonas continua:

JONAS PRADO (voz off) - ... de formalizar minha renúncia à Presidência da República!

Diante da fantástica revelação, os quatro complotistas, quase automaticamente, recolocam as armas nos bolsos, tomados de enorme estupefação.

228. Como ponto-de-vista de Jonas, câmara, do alto do palanque, percorre a multidão absolutamente atônita diante da notícia inesperada.

Faz-se enorme silêncio na praça.

229. Após enquadrar o Presidente em P.A., câmara inicia lento "travelling" para a frente, até fixá-lo em P.P., quando recomeça:

JONAS PRADO - As razões de meu gesto serão compreendidas pela Nação, por cujo interesse não hesitei em trocar o brilho do poder pelo anonimato de uma vida comum. Passo o Governo a meu legítimo sucessor, o vice-presidente da República!

230. A referência ao vice-presidente lança, repentinamente, uma grande esperança em Alípio, Arlete e Arnaldo Frias, enquanto o Matucho, estupidificado pela revelação, é uma expectante incógnita.

Câmera fixa primeiros-planos de nossos quatro personagens, destacando, em seu rosto, uma esperança que, subitamente, ilumina seus olhos e relaxa sua tensão.

231. Diante do silêncio da multidão, a reação do ex-Presidente é de indisfarçável desalento. Contendo, no entanto, a funda decepção, Jonas conclui o discurso, a voz cansada e sem eloquência:

JONAS PRADO - Considerando inaugurada esta obra, declaro, igualmente, concluída minha missão nacional. Retiro-me da suprema magistratura da Nação honrado pela confiança do povo, a quem dirijo, por fim, minha última palavra: sejam intransigentes, compatriotas, como fui, na defesa da liberdade e na confiança inquebrantável nos destinos da Nação!

232. Deixando o Presidente à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, câmera enquadra, em P.G., a multidão que ocupa a Praça Monumental.

Aplausos sem grande entusiasmo acolhem as últimas palavras do ex-presidente. Predomina, na maioria, a perplexidade, enquanto, em muitos, se percebem alívio e alegria.

Inesperadamente, sem que ninguém o tivesse ordenado, a banda de música ataca um eloquente dobrado militar, enquanto o vozerio do povo cresce na praça.

SOM - Dobrado pela banda de música. Vozerio, agitação.

233. Nada mais tendo a fazer naquele lugar, Jonas começa a se despedir das autoridades do palanque, enquanto a multidão, por sua vez, também se dispersa em várias direções.

Alípio, Arlete e Arnaldo também vão deixando a praça, enquanto o pedreiro Matucho continua imóvel, atônito, sem saber o que fazer.

A praça começa a ficar vazia.

234. Descendo do palanque, o ex-presidente caminha até o carro, estacionado pouco adiante. O motorista, vendo-o chegar, retira o boné e abre a porta.

Jonas, contudo, faz um sinal negativo, enquanto diz:

JONAS PRADO - Não, Serafim, não tomo mais este carro! Você pode regressar ao Palácio, para servir ao novo Presidente! O povo, aliás, já corre para lá, pronto para aderir ao novo Governo!

Dizendo isto, o ex-presidente se afasta, deixando a praça, agora inteiramente deserta.

É quando seus olhos avistam, metros adiante, o pedreiro Matucho, parado ainda em seu lugar, voltado para ele.

Jonas, reconfortado, se abre num sorriso generoso e caminha em seu encontro.

Câmera, em Trav-Atrás, acompanha seus passos, ressaltando a inesperada alegria que ilumina seu olhar.

Transfigurado, pronto para apertar o operário num abraço de fraternal solidariedade, Jonas exclama:

JONAS PRADO - Que alegria, meu caro! Ficando a meu lado, solidário como um irmão, você me reconforta e renova minha esperança!

235. De outro ângulo, câmera focaliza o ex-presidente, agora bem próximo do operário, pronto para estreitá-lo num forte abraço de calor humano.

Matucho, no entanto, parado em seu lugar, é uma incógnita crispante. Nada faz, fixando Jonas nos olhos. E espera.

236. Os dois agora estão frente a frente. Jonas, repentinamente, abre os braços, preparando-se para estreitar no peito o perplexo operário.

Matucho, de repente, movido por uma força inconsciente, retira do bolso a peixeira e, num salto felino, pula para a frente e enfia o punhal no ventre do ex-presidente.

Jonas, soltando um gemido de dor e de surpresa, o olhar atterre-

rizado, verga as pernas, cambaleia, tentando ainda suster-se de pé.

Matucho, com ódio, repete o gesto e, por várias vezes, apunhala o ex-presidente que geme e cambaleia, agonizante.

Depois tomba, sangrante, tenta falar qualquer coisa, mas só deixa escapar grunhidos indistintos.

E estrebucha no chão, manchando a praça de sangue. E morre, os olhos muito abertos e assustados.

Matucho dá-se conta, afinal, do crime. Olha apavorado para o cadáver, joga longe o punhal e começa a correr desabaladamente, afastando-se do lugar.

237. Na imensa praça pública só resta, na poça de sangue, o corpo do ex-presidente, enquanto ao longe, de mistura com acordes de hinos e marchas militares, ouvem-se gritos, vivas e palmas ao novo Presidente de Ameríndia.

Câmera, instalada em helicóptero, parte do P.P. do cadáver e alça vôo, ampliando pouco a pouco o quadro e mostrando, em G.P.G., a Praça Monumental e a moderna capital de Ameríndia.

SOM - Crescem, na trilha sonora, ruídos de vivas, aclamações, gritos e música marcial da banda de música.

F I M

---

Belo Horizonte, 28.7.75  
Huf Kilik

102

